Diálogos de instrução sobre a oração

Jean-Pierre de Caussade

Pe. Jean-Pierre de Caussade, S.J.

Diálogos de instrução sobre a oração

Tradução: Souza Campos, E. L. de
VALDEMAR TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2023

Créditos

Título original: *Instructions spirituelles en forme de dialogues, sur les divers états d'oraison, suivant la doctrine de M. Bossuet, Evêque de Meaux*. Antuérpia, 1824.

Autor : Pe. Jean-Pierre de Caussade, SJ.

Tradutor: Souza Campos, E. L. de

Notas adicionais retiradas de *On prayer*, tradução estadonidense do mesmo livro, feita por Algar Thorold. New York, 1931.

© 2023 Valdemar Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro – Brasil.

Toda cópia e divulgação são permitidas, desde que citada a fonte.

Diálogos de instrução sobre a oração

Pe. Jean-Pierre de Caussade, SJ

Diálogo preliminar

P. Você poderia me explicar, através de comparações simples, tudo o que Dom Jacques-Bénigne Bossuet disse sobre os atos das Orações Místicas, que eles chamam de “atos diretos”, não refletidos, muito pouco ou confusamente percebidos, praticados no coração e, de forma alguma, representados?

R. Ele quis fazer com que se entendesse com isto que, na oração de simples presença de Deus e da atenção amorosa, uma alma se encontra então, com relação a Deus, através de uma atração sobrenatural, quase nas mesmas disposições interiores em que se encontra, através de uma atração natural, toda pessoa que ama outra e que pensa nela.

De fato, tudo o que se diz sobre os atos diretos não está e não se compreende facilmente, por exemplo, no coração de uma mãe que pensa em um filho querido, já que em todo o tempo em que ela se mantém com este pensamento, ela exerce o amor maternal? E como?

1) Através dos atos diretos, já que não passam de simples impulsos interiores, uma simples tendência do coração para com esse filho querido.

2) Não são atos refletidos, já que ela não reflete se ela ama.

3) Esses atos são pouco ou confusamente percebidos, já que ela só os conhece através da consciência, como se fala, através de uma emoção difusa que ela sente, sem nenhuma atenção dedicada a separar o que se passa então nela mesma.

4) Esses atos não são, de forma alguma, representados, já que ela não diz com a boca e nem mesmo interiormente, no coração: “Eu amo mesmo esta criança!” No entanto, ela a ama através de atos verdadeiramente praticados em seu coração. Ela ama então sem verbalizar e simplesmente amando. Se essa criança penetrasse então no coração de sua mãe, como Deus faz, ele não veria toda sua atual ternura por ele.

Além disto, esses atos são tão deliberados que, se o objeto fosse criminoso, essa mãe pecaria e não deixaria depois de se acusar na confissão de ter passado um tempo considerável em uma disposição de espírito e de coração voluntária e criminosa.

Por fim, não se pode também dizer de seus atos que, a reflexão expressa, não tendo tomado parte deles, eles possuem, com isto, algo de muito simples, de muito natural, de muito sincero e que vêm bem do fundo, como explica Dom Bossuet[1] ao falar dos atos diretos e deliberados que tendem para Deus.

P. O que ele quer dizer quando diz[2] que, quando a vontade está fixada em Deus, ela produz uma sucessão de impulsos que é chamada, nesta vida, de "prece perpétua"?

R. Ele quer que entendamos que se passa então nessa boa vontade, com relação a Deus, o que se passa em uma vontade pervertida, com relação ao mal e que produz uma sucessão de pensamentos, emoções, desejos, esperanças, alegrias, medos, tristezas e tantos outros impulsos deliberados e criminosos.

Ora, não é certo que Deus vê tão bem as boas disposições do coração quanto as más e que ele é tão levado a recompensar o bem quanto a punir o mal? Isto foi o que fez nossos Bispos dizerem, no Artigo XIX de Issy[3], que a oração perpétua não consiste em um ato perpétuo e único, que se supõe sem interrupção e que também não deve

[1] *Instructions sur les divers états d'oraison*, pag. 133.
[2] *Instructions sur les divers états d'oraison*, pag. 222.
[3] *Instructions sur les divers états d'oraison*, pag. 392.

ser reiterada, mas em uma disposição e preparação habitual e perpétua em não fazer nada que desagrade Deus e em fazer tudo o que lhe agrade, pois quantos bons impulsos, seja para evitar o mal, seja para praticar o bem, não deve produzir somente esta disposição habitual e perpétua?

P. Por que então a maior parte das pessoas um pouco espirituais, que conhecem tão bem e tão facilmente toda a malícia dos atos diretos para o mal, até os menores pensamentos, complacências, emoções e adesões deliberadas, das quais elas não deixam jamais de se acusar na confissão, ao mesmo tempo têm uma grande dificuldade para compreender a bondade dos atos diretos, que são simples impulsos deliberados para o bem?

R. Isto advém do fato de que 1) os impulsos simples do coração para o mal se fazem sentir melhor; 2) se está acostumado a entender muito mal o que está disto nos livros e nas pregações: que os bons desejos são obras inúteis, sim, inúteis, porque, sem as obras, eles não nos salvarão jamais. Mas isto não impede que eles sejam bons e meritórios propriamente, assim como os maus desejos sem efeito não deixam de ser criminosos e demeritórios propriamente, já que, precisamente, eles são concebidos

no coração, sem serem manifestados expressamente a si mesmo e embora se desejasse escondê-los a si mesmo. Isto foi o que fez Jesus Cristo dizer que todo mal vem do coração[4]. O mesmo acontece com o bem. É por esta razão que os confessores experimentados, contando pouco com nossas belas resoluções, com os nossos mais belos atos de contrição e de bom propósito, nos conduzem sem cessar aos atos diretos do coração, quando nos dizem: "Fundamentem bem seus corações. É de lá que vêm suas verdadeiras e atuais disposições".

P. O que ele quer dizer, quando diz[5] que certas almas rezam com uma disposição do coração atual geralmente bem fervorosa e que isto não é um ato apenas, mas um conjunto e um composto de atos?

R. Ele quer dizer que, em consequência da forte e frequente repetição de todo tipo de ato de piedade, muitas vezes acontece com isto o que acontece com uma vontade habituada ao mal, que faz com que, em certos momentos, todas as emoções, as mais criminosas com que um coração mimado e corrompido é capaz, se pareçam,

[4] Cf. Mateus 15: 19. *É do coração que provêm os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as impurezas, os furtos, os falsos testemunhos, as calúnias*.
Marcos 7: 21-23. *É do interior do coração humano que procedem os maus pensamentos: devassidões, roubos, assassinatos, adultérios, cobiças, perversidades, fraudes, desonestidade, inveja, difamação, orgulho e insensatez. Todos estes vícios procedem de dentro e tornam impuro o ser humano*.

[5] *Instructions sur les divers états d'oraison*, pag 327.

se penetrem, por assim dizer, umas nas outras e, totalmente devotadas ao crime, formam nesse coração um conjunto e um composto de todo tipo de pecado, com a grande diferença que esta violenta disposição para o mal se mantém muito naturalmente, enquanto que a outra precisa ser mantida e muitas vezes renovada.

P. O que ele quer dizer, enfim, quando diz[6] que nas orações místicas fala-se a linguagem do coração e que tudo o que, em si, vem de lá, fala sempre em si mesmo uma linguagem humana e que se reveste seus pensamentos com palavras utilizadas para expressá-los a outro, mas na contemplação, no puro recolhimento, chega-se ao ponto de *falar tanto com Deus que não se tem mais outra linguagem que não seja aquela que só Ele entende* e esta é aquela que chamamos de "linguagem do coração"?

R. Ele quer dizer que a linguagem pura do coração só se expressa e só pode se expressar através de seus impulsos simples, os gritos interiores mencionados por São Paulo, os gemidos, os desejos inenarráveis, mesmo aqueles que são lançados para o céu independentemente de toda expressão e acima de toda expressão, já que todas as

[6] *Instructions sur les divers états d'oraison*, pag. 153.

palavras humanas só poderiam expressar muito tenuemente os sentimentos de um coração vivamente tocado.

Até mesmo as pessoas não concordam entre elas, já que, depois de terem tentado demonstrar o melhor que podem seu reconhecimento mútuo, sua amizade recíproca, elas dizem: “Gostaria que você visse os sentimentos do meu coração”. Ora, o que as pessoas não podem ver e nem expressar como gostariam, Deus vê e ele ouve o que se diz. “Ele ouve até a preparação de nossos corações”, diz o Profeta. Ou seja: “até o primeiro impulso de um coração que começa a querer se mexer para formar um desejo”[7], na bela expressão de Dom Bossuet.

P. Você poderia agora me explicar os diversos nomes que ele deu a essas orações, que só são feitas por esses atos diretos, não refletidos, muito pouco ou confusamente percebidos, praticados no coração e, de forma alguma, representados, pois, em primeiro lugar, por que ele as chama de “orações do repouso e da quietude”, o que desperta na mente de muita gente uma ideia de pura ociosidade e de perda de tempo?

R. É preciso saber primeiro que a mente e o coração não repousam da mesma maneira que o corpo, deixando

[7] *Instructions sur les divers états d'oraison*, pag. 155.

de agir, mas, invés disto, eles continuam suas ações de maneira mais simples, mais suave e que encantam nossa alma. Assim, quando um avarento deixa sua mente e seu coração repousarem ___ ou seja, seus pensamentos e suas emoções ___ em suas riquezas, assim como o ambicioso nos objetos que ele ambiciona e cada pessoa no que ela ama, ninguém deixa, com isto, de agir. Eles não estão, de forma alguma, ociosos, mas, muito pelo contrário, eles estão muito criminosamente ocupados durante este funesto repouso da mente e do coração. Por quê?

Porque eles mantêm voluntariamente seus pensamentos e suas emoções fixamente presos nos objetos que eles amam, onde eles se comprazem e repousam, como em seus centros, o que é, segundo São Paulo, uma verdadeira idolatria do coração[8].

Ora, se a corrupção da natureza pode provocar este longo e criminoso repouso em criaturas que se transformam em verdadeiros ídolos, é de se admirar que o hábito, que é uma segunda natureza e a graça, ainda mais forte, possam produzir o santo repouso da mente e do coração, que as boas almas encontram pensando em Deus, que é seu verdadeiro centro, desfrutando de Deus, que é seu

[8] Cf. Colossenses 3: 5. *A avareza é uma idolatria*.

único tesouro, onde elas já colocaram seus corações e fixaram suas vontades?

Isto é o que o Bispo de Meaux chama de “oração do repouso e da quietude”, segundo os santos místicos.

P. Essa oração do repouso em Deus é feita com um ou com vários atos?

R. Algumas vezes, ela acontece com a continuação de um mesmo ato que persiste e persevera por muito tempo, proporcional à veemência do amor que o produz. Outras vezes, é através de uma sucessão de atos seguidos, uniformes, sem interrupção e sem nenhum abalo no interior. São todos atos de amor, já que só se pode encontrar o repouso do coração no que ele ama e em proporção com o que ele ama. Portanto, é nesta oração que Deus é verdadeiramente adorado e amado de coração, *em espírito e verdade*[9], como fala Jesus Cristo. É por isto que todos os místicos afirmam que esta maneira de orar é um puro exercício do verdadeiro amor e que, por consequência, ela possui tudo o que é preciso para agradar a Deus e para avançar nos caminhos da perfeição total.

Esta opinião é apoiada e explicada pelo artigo XIII das Ordenações, onde são lidas as seguintes palavras: “Na

[9] João 4 : 23.

oração perfeita, todos os atos mencionados são unidos no amor, na medida em que ela anima todas as virtudes e ordena sua prática, segundo o que diz São Paulo”[10].

O amor *tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta*[11]. Pode-se dizer o mesmo, na oração perfeita, de todos os atos do cristão, ao qual ela controla e prescreve os distintos exercícios, embora eles não sejam sempre sensível e distintamente percebidos.

P. Por que os Bispos acrescentaram estas últimas palavras?

R. Para prevenir um mal que se tornou muito comum. É que, em consequência da frequente imperceptibilidade dos atos diretos da oração da quietude, muitos se retiram frequentemente deste santo repouso; uns, por medo da ociosidade ou de omitirem os atos ordenados; outros levam a simplicidade até o medo de cair na heresia, mesmo se detendo neste santo e doce repouso, cujos atos, embora não perceptíveis ou confusamente percebidos, não deixam de ser diretamente opostos ao falso repouso do quietismo, *que rejeita absolutamente todos os*

[10] *Instructions sur les divers états d'oraison*, pag. 390.
[11] 1 Coríntios 13: 7.

atos e os extermina assim que aparece a menor manifestação deles[12], na expressão do Bispo de Meaux.

P. Por que ele a chama de "oração do olhar simples"?

R. Porque nela se vê Deus simplesmente pela fé, com uma atenção amorosa, pois, assim como eu posso olhar os objetos materiais com os olhos do corpo e os espirituais com os olhos do espírito, eu posso também olhar os divinos e o próprio Deus com os olhos da fé. Se este olhar ou simples lembrança de Deus só dura um instante, ele não passa de um bom ato passageiro. Mas se, com minha fidelidade à graça ordinária ou através de uma graça especial, eu adquiri a facilidade de poder me fixar neste olhar interior e mantê-lo por um tempo considerável, isto então é o que é chamado de uma verdadeira oração do simples olhar. Pelo tempo que durar este olhar amoroso e se ele se tornou pouco a pouco contínuo, no sentido que ele explicou, então se pratica literalmente o que Deus ordenou a Abraão: *Ande em minha presença e seja perfeito*[13].

P. Por que ele a chama de "oração de simples abandono ou de abandono a Deus"?

[12] Idem, pag. 161.
[13] Gênesis 17: 1.

R. Foi o que ele explicou tão bem e amplamente, ao falar da oração da venerável Madre de Chantal[14].

P. Por que ele a chama de "oração do simples recolhimento"?

R. Porque nela a alma está simplesmente toda recolhida em Deus.

P. Como acontece esse recolhimento?

R. Algumas vezes, somente pela vontade, ajudada pela graça ordinária, com a ajuda da qual entra-se seriamente em si mesmo, quase como quando se quer se dedicar ao estudo da ciência, assuntos importantes e se dá o recolhimento ativo, porque são utilizadas as próprias forças e seu próprio empenho para recordar a si seus pensamentos e suas emoções, totalmente espalhadas e dispersas pelos objetos sensoriais, através de frequentes saídas de si mesmo. Mas, nos momentos da oração, diz Santa Tereza, a alma faz como o caracol que retorna para sua concha e se volta, por assim dizer, para ela mesma, com o propósito de só pensar em Deus, que reside no mais íntimo de sua substância, onde está o templo vivo do Espírito Santo.

[14] *Instructions sur les divers états d'oraison*, pag. 307.

Outras vezes, trata-se de um recolhimento infundido por um atrativo particular e totalmente divino, que atrai para si a alma de dentro dela mesma.

P. Como acontece esse divino recolhimento?

R. Já que esta oração foi colocada fora de qualquer alcance sob a autoridade de São Francisco de Sales[15], que tinha sobre ela a teoria e a prática e já que o Bispo de Meaux, ao falar do mesmo santo sobre o tema da oração da Madre de Chantal, disse que, nesta matéria, ele era incontestavelmente a principal pessoa do seu século, eu posso responder melhor citando suas palavras:

> *Acontece, diz o Santo, que Nosso Senhor espalha, no fundo do coração, certa suavidade que comprova sua presença e então as forças e mesmo os sentidos interiores da alma, com um secreto sentimento, se voltam para o lado dessa parte íntima onde está o amabilíssimo e caríssimo Esposo, pois, assim como um novo enxame ou grupo de moscas do mel, quando quer mudar de região, é atraído pelo som produzido suavemente pelas bacias ou pelo odor do vinho adoçado com mel, de sorte que ele para diante dessas doçuras e entra na colmeia que lhe foi preparada, da mesma forma, Nosso Senhor, ao pronunciar algumas palavras secretas do seu amor ou ao exalar os perfumes de suas roupas, ou seja, alguma emoção relacionada às suas consolações celestes em nossos corações, com este artifício faz com que seja sentida sua amabilíssima presença, retira para ele todas as faculda-*

[15] Traité II, pag. 48.

des de nossa alma, que se reúnem ao redor dele e param diante dele como seu objeto desejabilíssimo e, assim como, se fosse colocado um pedaço de ímã entre várias agulhas seria visto que subitamente todas as pontas se voltariam para o lado do ímã bem-amado e se prenderiam a ele, da mesma forma, quando Nosso Senhor faz sentir, no meio de nossa alma, sua deliciosíssima presença, todas as nossas faculdades voltam suas pontas para o lado dele, para se juntarem a essa incomparável doçura.[16]

P. Por que, enfim, ele a chama de "oração da simplicidade e do silêncio"?

R. Quanto ao primeiro título, é que não há nada de tão simples quanto esta oração, já que ela é a pura linguagem do coração expressa com simples impulsos deliberados que fazem seus atos diretos. Quanto ao segundo, é que a alma frequentemente fica nela em um profundo silêncio, se colocando na escuta para dar uma atenção maior à voz interior do Espírito Santo. Outra vezes, acontecerá um silêncio quase como se observa em presença dos reis da terra, a quem mesmo sua corte não conseguiria fazer de maneira mais lisonjeira. Assim, Deus não pode ser mais dignamente honrado por sua criatura do que através de um silêncio cheio de respeito e de admiração, que serve de entrada para a contemplação, segundo o

[16] *Amour de Dieu*, Liv. VI , cap. 7.

Bispo de Meaux[17] e que fez Davi dizer: “Senhor, o silêncio é vosso louvor”.

P. Foi ele mesmo quem deu estes diversos nomes a essas orações?

R. De forma alguma. Ele os tirou dos místicos antigos e modernos e eles os tiraram de suas próprias experiências, com cada um falando de sua oração da simplicidade, segundo a principal emoção que Deus lhes deu de sua simples presença ou do repouso no coração ou da contemplação no espírito ou do simples recolhimento no fundo da alma ou do silêncio de admiração nas forças ou da simples entrega e abandono total ao beneplácito de Deus.

P. O que pretende o Bispo Bossuet, ao guardar sempre certa ordem na enumeração dessas orações, como quando ele pergunta qual é a oração que está em perigo?[18] É a oração da simples presença, da contemplação e da quietude ou talvez as orações extraordinárias e mesmo as passivas, que são atacadas? O que quer dizer esta tríplice gradação constantemente observada?

R. Com isto, ele divide essas orações como faz a maior parte dos místicos: em três classes. Na primeira

[17] *Instructions sur les divers états d'oraison*, pag. 51.
[18] Traité II, pag. 48,

estão compreendidas as orações incomuns e especiais da simples presença, da quietude, do recolhimento ou contemplação ordinária. Na segunda estão as orações extraordinárias, seja por causa do grau eminente ou dos dons singulares, como êxtases, visões, revelações. Na terceira estão as orações puramente passivas e por estado, sobre as quais surge muito compreensivelmente um mal entendido[19] daqueles que confundem a contemplação com a oração passiva, embora suas noções não sejam as mesmas, segundo São Tomás e os outros[20], que, ao tratarem da contemplação, não querem se referir à oração passiva. Por quê?

Porque, ainda que a contemplação não seja discursiva, não mais do que a fé, nem por isto, ela afasta o poder de discursar, que é o que ele chama de estado passivo, como ele acrescenta.

P. Plenamente satisfeito com todas as questões tratadas até agora e para não interromper a exposição das opiniões do Bispo de Meaux sobre os abusos das orações místicas e não tendo mais nada a temer deste lado, eu lhe peço, seguindo o plano total desta obra, que me ensine a alcançar, mesmo em algum nível bem baixo, essas ora-

[19] *Instructions sur les divers états d'oraison*, pag. 414.
[20] *Idem*.

ções. Eu não falo das extraordinárias ou puramente passivas, mas daquelas que o Bispo de Meaux coloca, como Santa Tereza d'Ávila, na primeira classe, ou seja, a oração especial da quietude e do simples recolhimento.

R. Todos os meios de chegar a elas, que eu aprendi com os místicos, se reduzem a algumas disposições distantes ou próximas.

P. Segundo eles, no que consistem as disposições distantes?

R. Numa total pureza de alma, que eu quero resumir em quatro palavras, que serão o tema dos diálogos seguintes, ou seja: pureza da consciência, do coração, do espírito e da ação.

Diálogo I – Sobre a pureza da consciência.

P. No que você a faz consistir?[21]

R. Em uma firme disposição da vontade em não querer mais consentir, de propósito deliberado, com a menor ofensa a Deus. Uma disposição habitual que pode

[21] Ver: Tomás de Kempis. *A imitação de Cristo*. Livro II, cap. IV: "A pureza do coração e a simplicidade de intenção".

muito bem sobreviver, apesar de muitos atos contrários, que escapam de tempos em tempos, mas que são logo retratados.

P. Por que essa disposição é necessária à oração de simples recolhimento?

R. Porque, quando se trata de conseguir o recolhimento ativo com a ajuda das graças ordinárias, não é evidente que essas graças serão mais abundantes e mais eficazes, na medida em que se for mais fiel em querer evitar até o menor pecado que possa manchar a consciência?

Mas, quando se trata do recolhimento infuso, como se ousaria esperar esta graça especial de Deus, quando se tem por ele tão pouco amor e medo filial, que só se temeria ofendê-lo por amor a si mesmo, ou seja, quando a ofensa leva à nossa perdição, à nossa condenação e, de forma alguma, quando ela somente o desagrada e não apresenta risco para nossa salvação.

P. Como se pode adquirir essa pureza de consciência?

R. Primeiramente, através de todos os meios ordinários que os livros e os diretores ensinam, mas, sobretudo, através de uma grande atenção a todos os impulsos interiores, para que a percepção contínua de nossa fra-

queza nos leve a recorrer a Deus em toda oportunidade de queda e a nos arrependermos, a nos fazermos humildes perante Deus depois das menores quedas.

P. Por que esse recurso contínuo a Deus?

R. Porque, como dizem os teólogos, acontece frequentemente em muitos encontros, não termos outro poder que não seja o de nos esforçarmos e rezarmos para obter um socorro mais poderoso, para que aprendamos, como diz Santo Agostinho, *fazermos o que podemos e pedir o que não podemos*[22] sem um novo socorro.

P. Como deve ser nosso arrependimento após nossas faltas?

R. Ele não deve jamais ser inquieto e turbulento, mas moderado e pacífico. Isto fez São Francisco de Sales dizer: “Se for preciso, que no próprio fundo de nossa dor por nossos pecados, a paz seja encontrada”.

Por quê? Porque, como Deus só mora e opera na paz, a preocupação e a perturbação nos fazem perder sua doce presença que faz toda nossa força. Com isto, nossa alma se torna cada vez mais fraca e mais entorpecida.

P. Como devemos nos fazer humildes perante Deus por nossas faltas?

[22] *A Natureza e a Graça*, cap. 50.

R. Essa humildação interior deve ser isenta de toda mágoa e rancor contra si mesmo, pois, além do fato de que estas emoções descontroladas não consertam nada, elas provocam outras faltas, muitas vezes mais perigosas do que as primeiras. Por quê?

Porque elas vêm de um amor próprio ferido e de um orgulho revoltado ao se ver ainda tão imperfeito.

Deixe então, retoma São Francisco de Sales[23], deixe todas essas humildades feridas, inquietas, lamentáveis e, por consequência, orgulhosas. Aprenda a se suportar pacientemente, como deve suportar o próximo com o mesmo amor. Pratique a mansidão para com você mesmo, assim como para com os outros, ao se arrepender sem ira, sem amargura e sem rancor.

P. Depois desses curtos momentos de arrependimento e de humildação pacífica, o que devemos fazer?

R. Retorne imediatamente a Deus e aos seus exercícios de devoção, com a mesma confiança e como se nada tivesse acontecido. Este é o grande segredo para adquirir logo muita pureza de consciência, enquanto se espera um perfeito conhecimento de si mesmo, uma verdadeira hu-

[23] IX Entretien, pag. 304.

mildade de coração fundamentada nas frequentes experiências de nossas misérias e da nossa lamentável fraqueza.

P. Mas, não é uma imprudência e uma presunção, esperar logo o perdão de nossas faltas cotidianas e frequentes?

R. Aqui está o que se diz sobre o combate espiritual, tão generosamente estimado, sobretudo por São Francisco de Sales.

Eu suponho, diz este livro, que você tenha caído, não algumas vezes, mas cem vezes em um dia; não por descuido, mas com uma inteira consciência, depois de ter pedido perdão e você está tão humilhado na última vez como na primeira.

Sem perda de tempo, retorne a Deus, a você mesmo, às suas ocupações e exercícios costumeiros, com a mesma confiança que teria se não tivesse falhado. Imite nisto o sábio comportamento de um viajante tão corajoso de espírito quanto fraco de corpo. Se ele vier a cair, ele se levanta imediatamente e retoma seu caminho sem perder tempo em se lamentar inutilmente. Se, ao dar mais alguns passos, ele torna a cair, ele só pensa em se levantar logo e da mesma forma e em prosseguir corajosamente seu caminho. Assim, apesar das suas caídas e recaídas,

ele chega, enfim, ao término de sua viagem, embora mais tarde do que aqueles que não caíram ou caíram muito raramente.

P. Você poderia me dar alguma boa razão para um comportamento assim nos caminhos da salvação e da perfeição?

R. Devendo retornar sempre a Deus, podemos fazê-lo bem prontamente? Além disto, essa prontidão não mostra uma boa vontade em uma grande fraqueza e uma confiança digna de Deus, já que só nele se pode supor uma bondade que ultrapassará sempre a multidão e a enormidade de nossas ofensas?

Por outro lado, se nos comportarmos de outra maneira, isto é uma desconfiança criminosa da misericórdia infinita de Deus ou uma dureza de um coração insensível ao infortúnio de tê-lo desagradado ou uma má vergonha de uma alma orgulhosa que não consegue admitir suas infidelidades tão frequentes e tão prontamente ou um amor por sua liberdade, que, ao observar esses frequentes retornos como compromissos para fazer melhor, não quer se atar ou se compromissar com nada e disto resulta que se afasta sempre mais de Deus, se enfraquece cada

vez mais e, muitas vezes, mais intensamente e faz com que a volta seja sempre mais difícil.

Ah, se alguns espirituais compreendessem bem as razões desses prontos retornos a Deus, eles não seriam vistos algumas vezes tão orgulhosamente desolados depois de algumas quedas, a ponto de abandonarem a maior parte de seus exercícios de devoção, não ousando, eles dizem, se apresentarem diante de Deus depois dessas infidelidades e eles ainda se lisonjeiam, como se tais emoções viessem de uma dor verdadeira e de uma verdadeira humildade.

As pessoas realmente espirituais têm outros sentimentos e um comportamento totalmente diferente. Vivamente conscientes de suas faltas, que as fazem sentir todo o peso de suas misérias e de suas fraquezas, elas, nem por isto ficam desencorajadas, abatidas e nem mesmo surpresas. Elas aprendem a se conhecer melhor, a se fazerem humildes cada vez mais profundamente perante Deus, a desconfiarem totalmente delas mesmas, até o ponto de se desesperarem totalmente pela sua própria fraqueza, para colocarem a confiança delas totalmente em Deus apenas.

Isto foi o que fez o Bispo de Meaux dizer, ao falar das misérias humanas, *que suas fraquezas, ao se fazerem humildes, fazem parte do seu remédio*. Isto, São Francisco de Sales enriquece dizendo que se levantar constantemente sem jamais se desencorajar e sem nada perder da firme resolução de ser todo para Deus é a consequência de uma virtude heroica.

P. Não parece que o que você acaba de dizer leva mais a se rejubilar com suas faltas do que a se afligir com elas?

R. Distingamos bem as faltas que sempre são dignas de nossas lamentações daquelas felizes quedas, como faz a Igreja que, ao falar da queda do primeiro ser humano, clama: “Bem-aventurada falta!”[24] Ela foi bem-aventurada não por ela mesma, mas por ter levado ao merecimento de um Redentor.

Da mesma forma, para informar a dor mal compreendida e a falsa humildade depois de nossas quedas, apresentemos imediatamente nossa coragem e nossas esperanças à visão de um Deus suficientemente poderoso e misericordioso, para que encontremos, mesmo no meio de nossas quedas, o precioso tesouro da verdadeira hu-

[24] *O felix culpa, quae talem ac tantum méruit habére Redemptórem!*

mildade de coração, que é o fundamento e a guardiã de todas as virtudes, o precioso tesouro de uma total desconfiança de nós mesmos e de uma perfeita confiança somente em Deus, que são os dois polos da vida espiritual.

P. Quando acontece de uma alma chegar a isto, por se conhecer bem e se sentir assim constantemente humilde perante Deus, o que lhe acontece costumeiramente?

R. É que logo Deus a avança e lhe faz grandes progressos, cumulando-a com seus dons e suas graças mais preciosas. Por quê?

Por que ele não corre mais o risco dessa alma lhe retirar nada de sua glória, atribuindo a si mesma uma mínima partícula dela. Isto foi o que fez um dos maiores espirituais do século passado dizer: “Uma miséria bem conhecida vale mais do que uma virtude angélica que se apropria através de fúteis complacências”.

É por isto que Deus deixa, em almas muito elevadas, alguns defeitos muito acima de seus caminhos, com o propósito de exercitar com isto, ao mesmo tempo, a humildade dessas grandes almas, juntamente com a fé e o amor dos espectadores.

P. Mas, como pode ser que almas muito queridas por Deus tenham tais defeitos e sem que isto prejudique suas perfeições?

R. Porque nelas, diferentemente de nos imperfeitos, não são defeitos queridos, fomentados ou tolerados, mas, pelo contrário, eles são odiados, detestados e combatidos. Ora, desta forma, não há o que desagrade a Deus, ou seja, a emoção do coração e o apego do coração. Só continuam, por permissão divina, a fraqueza da pura fragilidade da natureza, tão próprias a manter as maiores almas sempre interiormente humildes e frequentemente até mesmo no exterior.

Além disto, esses defeitos, em um sentido involuntário, são admiravelmente compostos por virtudes heroicas sempre acompanhadas da mais profunda humildade, face a esses mesmos defeitos que tratamos constantemente de corrigir, sem jamais chegarmos a bom termo.

Este é um comportamento admirável de Deus e deveria bastar para nos tornar mais reservados em nossos julgamentos sobre algumas pessoas, cujo interior nos é totalmente desconhecido e, muitas vezes, está até mesmo disfarçado sob aparências bem enganosas.

Deveria nos bastar a citação de um só exemplo para suspender ao menos a iniquidade de nossos julgamentos precipitados e mais ainda nossas falações indiscretas.

Diálogo II – Sobre a pureza do coração.

P. No que consiste essa pureza e por que ela é uma disposição necessária a esta oração?[25]

R. Ela consiste em ter o coração livre de qualquer apego, não apenas dos criminosos, mas também daqueles que são chamados de inocentes, já que eles compartilham com as criaturas um coração que é feito somente para Deus. Ora, um coração assim compartilhado, quase de forma ilegal, como pode ser vitorioso nesta oração, sob qualquer ponto de vista que se olhe?[26]

Esta oração, como já dissemos, é um suave repouso de espírito e coração em Deus. Mas um coração acostumado a deixar seus pensamentos e suas emoções no objeto ao qual está apegado, que repouso poderia encontrar em Deus, se, depois de ter destruído seu primeiro apego,

[25] Ver: Tomás de Kempis. *A imitação de Cristo*. Livro III, cap. V: "Os admiráveis efeitos do divino amor", cap. XVI: "A verdadeira consolação só deve ser buscada em Deus" e cap. XXXI: "É preciso esquecer todas as criaturas para encontrar o Criador".
[26] Ver: Idem, Livro II, cap. I:

para desviá-lo para Deus, não se opuser a este objeto então, como antes fazia dele um objeto querido?

É um desfrute de Deus. Mas um coração que desfruta com apego dos bens sensoriais, os prazeres dos sentidos, a honra, a estima, a reputação etc. como poderia desfrutar de Deus após estar purificado de todos os gostos sensoriais, terrenos ou humanos?

É um olhar fixo em Deus. Mas, como sustentar esse olhar de pura fé através das espessas nuvens das ideias das imagens sensoriais que um só apego enche o espírito e a imaginação?

É um recolhimento em Deus. Mas, como recolher em Deus nossos pensamentos, desejos e afetos, se um só objeto estranho os mantém como que atados e acorrentados ou traz sempre a si os mesmos encantos com que ele soube cativar as forças da nossa alma?

É, enfim, um silêncio interior de respeito, de admiração e de amor. Mas, como entrar e permanecer nesse profundo silêncio, apesar do ruído e dos clamores de mil desejos ávidos, de tantas esperanças inquietas, de medos aflitivos em um coração sempre agitado e que suspira sem parar por qualquer objeto que não é Deus?

P. Mas, se esta oração exige tanta pureza e desapego do coração, ela não é então a oração dos perfeitos e os outros só podem desejá-la?

R. O desapego do coração, que faz sua pureza, tem seus diversos graus, assim como esta oração tem os seus. A um grande desapego do coração corresponde uma grande facilidade para entrar nessa oração e a um menor apego corresponde uma menor facilidade.

P. Você poderia me dar alguma aplicação deste princípio?

R. Com prazer! Aqueles que conseguiram livrar seus corações dos menores apegos e conseguiram amar somente a Deus ou todas as coisas por Deus entram nesta oração totalmente de amor como os peixes entram em seu elemento. Aqueles que não têm tanto amor não entram nela tão facilmente.

P. Parece que li sobre isto em São Francisco de Sales; algumas comparações com o amor profano. Você não poderia utilizar estas ideias deste grande santo para me explicar seu pensamento de uma maneira mais acessível e mais extensa?

R. Imagine então um amante profano todo ocupado interiormente com a beleza que ele idolatra. Não é nesta

ocupação que ele encontra o doce repouso do seu coração, um desfrute tão delicioso quanto criminoso, um infeliz recolhimento que, ao só permitir pensar no seu ídolo, parece absorver todas as forças da sua alma? A continuidade dos olhares interiores, fixamente presos no ídolo do seu coração não o faz cair algumas vezes num profundo silêncio interior que suspende todas as outras emoções para só deixar espaço para os transportes do seu amor?

Esta é uma imagem bem grosseira, na verdade, mas muito justa, de tudo o que se passa durante o santo recolhimento e o doce repouso de uma alma bem desapegada e vivamente tomada pelo divino amor.

Mas, há algo que pode surpreendê-lo. Quando só se fala de um coração possuído assim pelo amor profano, não é verdade que se compreendem facilmente todas as suas disposições criminosas e até os termos místicos que utilizei com o propósito de expressá-los? Donde vem então que, quando se trata de um coração entregue às santas impressões do amor divino durante a oração de simples presença, então todas as disposições interiores dessa boa alma se tornam incompreensíveis e os termos próprios e de costume para expressá-las parecem então muito místicos?

E a quem? Eu direi? A pessoas que querem se passar por espirituais e interiores.

Que me seja permitido aqui ___ com todo o respeito devido às suas pessoas e a aos seus ministérios ___ perguntar se eles acreditam que esse amor mais forte do que a morte e que o inferno perdeu toda sua força e seu antigo império ou que não haja mais corações capazes de sentir suas ações ou que essas operações, por serem menos perceptíveis, menos palpáveis do que aquelas do amor profano, sejam menos reais e menos verdadeiras.

Que eles se lembrem então do que lhes disse o Bispo de Meaux: *Durante essas operações puramente espirituais, embora nossa alma pareça desaparecer e escapar dela mesma, ela jamais exerce melhor suas mais verdadeiras e naturais operações*[27].

Que eles escutem a venerável Madre de Chantal, que lhes dirá que, quanto mais essas operações são profundas, delicadas, quase imperceptíveis, mais elas são perfeitas, como sendo então mais espirituais e mais desligadas dos sentidos.

Que eles escutem também o venerável Pe. Louis Lallemand, que nos diz que, nestes tipos de operações, o que

[27] *Instruction*, pag. 151.

há de mais perceptível não é, por assim dizer, o marco da graça.

P. Mas, se o grau de facilidade para entrar nessa oração corresponde costumeiramente ao grau de pureza do coração, aqueles que não a possuem, o que devem fazer?

R. É preciso que eles tenham ao menos o mais baixo grau dela.

P. No que consiste o último e o mais baixo grau dessa pureza, desse desprendimento do coração?

R. No desejo sincero de adquiri-la, de empregar todos os meios necessários para isto e, em particular, o da própria oração. Eles poderão assim, com esta boa vontade, experimentar algumas vezes toques passageiros durante suas meditações ou leituras refletidas.

P. Como eles poderão fazer isto então?

R. Fazendo cessar, em intervalos, o discurso, para permitir a presença de Deus, como o Bispo de Meaux já ensinou e como explicaremos com bastante detalhes em seguida. Acontece de, em consequência desta boa vontade, Deus se contente, naqueles que, no momento, não conseguem fazer mais, acontece, eu digo, de muitas vezes, durante a meditação ou em exercícios iguais e comuns, Deus os faz sentir e desfrutar, de passagem, simples to-

ques desse santo recolhimento e, a partir de então, todo desprendimento começa a se tornar fácil.

P. Como isto pode acontecer?

R. É que nosso coração é feito de tal forma para Deus que, uma vez que ele tenha desfrutado dele, todo o resto parece insípido. Essa marca do gosto de Deus em um coração é um encanto secreto que o faz se voltar para Deus, quase como uma agulha que, tendo sido tocada por um ímã, se volta incessantemente para seu lado.

Deus, diz Santo Agostinho, opera este segundo prodígio: *Apagando seus pecados, concedendo méritos a você, dando-lhe forças para lutar contra as cobiças, inspirando a virtude em você, derramando em sua alma a unção celeste, para que você triunfe sobre todos os prazeres terrestres*[28].

Ora, com este início de pureza e de desprendimento em um coração produzindo um novo atrativo ou uma nova disposição para o santo recolhimento na oração, que rapidez nos diversos progressos de ambos!

Eu falo do progresso na pureza do coração, que facilita o santo recolhimento na oração e ao progresso do

[28] *Sermão 042 (As duas obras de caridade do cristão)*, seção 03.

santo recolhimento, que facilita, por sua vez, a pureza e o desprendimento.

P. Há muitos exemplos do que você acaba de dizer?

R. Eu me lembro de ter ouvido vários diretores dizerem que tinham por muito tempo lamentado em segredo pelo pouco avanço de certas almas, mas que, logo que, em seus exercícios de devoção, Deus tinha se feito sentir a elas por alguns toques passageiros desse divino recolhimento, a direção dessas pessoas em crescimento se tornou muito fácil, totalmente eficaz e que se diria que elas tinham sido transformadas.

A Madre Chantal, ainda secular, cita um belo exemplo disto em sua própria pessoa, pois, depois de ter falado de sua mudança de diretor, para adotar o Bispo de Genebra, que logo conheceu sua atração e lhe ordenou que se livrasse dela, ela clama: *Meu Deus! Parece que aconteceu subitamente em meu interior uma santa e total transformação*[29].

P. Os autores entendidos concordam com a eficácia surpreendente dos simples toques passageiros dessa oração?

[29] *Vie* par M. de Maupas, Evêque d'Evreux. Partie I, chap 1t5, pag 98.

R. São João da Cruz diz isto expressamente em muitas passagens e o supõe em todas as suas obras. O venerável Pe. Louis Lallemand e seus dois famosos discípulos, o Pe. Rigoleu e o Pe. Surin dizem todos, em suas cartas espirituais, terem encontrado pessoas que, com a ajuda dos simples toques dessa oração avançaram mais em um mês do que tinham feito durante os dez ou quinze anos precedentes.

Diálogo III – Sobre a pureza do espírito.

P. No que consiste esta pureza?[30]

R. Em se tornar o senhor de certa libertinagem do espírito que o leva naturalmente a pensar em tudo o que lhe agrada, quando não percebe nisto nada de mau ou, pelo menos, em ter adquirido suficiente domínio sobre esse espírito para moderar nele qualquer atividade que o faça correr atrás de fúteis imagens dos objetos sensoriais, assim como as crianças correm atrás de borboletas.

P. Por que isto é necessário à oração que examinamos?

[30] Ver: Tomás de Kempis. *A imitação de Cristo*. Livro III, cap. 31: "É preciso esquecer todas as criaturas para encontrar o Criador".

R. Porque se o espírito se acostumou a se espalhar inutilmente para fora, através de saídas contínuas, como ele retornaria a ele mesmo ao fim dessa mesma oração que demanda um espírito recolhido, já que se trata da oração do simples recolhimento?

Além disto, um espírito sempre errante e que vagabundeia por tudo o que é agradável ou divertido, como poderia direcionar seus olhares interiores para fixá-los nos objetos incompreensíveis da fé? E, mesmo que ele pudesse fazer isto por alguns instantes, com tantas e diferentes ideias e imagens lisonjeiras vindo continuamente se apresentar em sua imaginação, elas não seriam, com relação a ele, como uma nuvem de poeira erguida ao redor de um viajante que, a partir de então, deixa de saber para onde vai e nem onde está?

Neste ponto então, é necessário resistir continuamente à libertinagem natural do espírito. É uma necessidade reprimir incessantemente sua atividade natural, não lhe permitindo jamais se entreter e nem mesmo se desgarrar voluntariamente com pensamentos fúteis, frívolos ou inúteis, considerando-os todos como verdadeiramente criminosos, se comportando assim sempre da mesma maneira, logo que eles sejam percebidos.

P. Esta pureza, entendida desta forma, me parece a mais difícil de todas.

R. E ela é, de fato. Mas observe que, uma vez que se começou a desfrutar de Deus e de sua doce paz no interior, lembra-se incessantemente deste gosto atraente, cuja suavidade faz esquecer visivelmente todo o resto e este atrativo nos faz pouco a pouco nos desgostarmos das criaturas e chegamos, enfim, ao ponto de só pensarmos nelas com pesar e então se desfruta de certa liberdade de espírito que dificilmente pode se ocupar com outra coisa que não seja Deus e as coisas celestes.

P. Mas, para se chegar a esta feliz situação, o que é preciso fazer?

R. Primeiro, através do estudo do próprio recolhimento, é preciso trabalhar para destruir ou enfraquecer nossos infelizes apegos. Por quê?

Porque todos os pensamentos mais atraentes, os mais difíceis de afastar só surgem dos nossos apegos. Na medida em que eles se enfraquecem, sente-se menos dificuldade em deixar, no espírito e no pensamento, o que se começou a deixar no coração e na emoção.

Ora, como é somente pelo prazer e pelas fúteis alegrias do coração que o espírito se apega e fixa seus olha-

res sobre os objetos de onde lhe vem suas emoções mais agradáveis e se sente um prazer puramente natural, não é preciso mais se deter neles para desfrutá-los, como se fosse um prazer criminoso. Assim, à menor alegria, seja de uma boa notícia ou de um sucesso vantajoso, é preciso logo afastar seu coração dela e fazer com que mude, lhe dando seu verdadeiro objeto, que é Deus, para acostumar pouco a pouco este coração a só se rejubilar em Deus.

É preciso fazer o mesmo e pela mesma razão, com relação a qualquer outra viva emoção puramente humana da alma, seja de esperança, de medo, de dor ou de afeição, para que nosso espírito não fixe neles todos os nossos pensamentos.

P. O que fazer com relação aos outros pensamentos menos interessantes e que são apenas inúteis ou frívolos?

R. É preciso deixá-los cair do espírito como se deixa cair uma pedra das mãos e se, por engano, se divertiu com isto, é preciso imediatamente perceber isto e lembrar seu espírito desses menores desvios, ou com uma simples lembrança de Deus ou através de uma curta elevação do coração a Deus ou através de bons pensamentos preparados antecipadamente e totalmente prontos para fazer uma diversão, caso necessário.

P. Sem dúvida que você não inclui, entre os pensamentos inúteis, as reflexões sobre as coisas necessárias para o presente, nem as sábias previdências sobre o futuro, nem os santos retornos a si mesmo e os avanços espirituais.

R. Quem nunca ousou dizer ou pensar que tudo isto fosse inútil? Mas, se você quer conhecer um dos truques mais escondidos do amor-próprio, tão ciumento do livre curso de seus pensamentos que eles são propriamente seu alimento e sua vida; se você quer conhecer uma ilusão muito delicada causada pela atividade natural da mente, que sem a ajuda de uma abnegação quase sentimental e muito penosa não poderia fazer os pensamentos e as reflexões se manterem nos justos limites do puro necessário, siga-me e retomemos os quatro artigos citados.

Sob o pretexto de que é preciso pensar no que se deve fazer ou dizer, que inutilidades e superfluidades em pensamentos e reflexões, já que muitas vezes o mesmo tempo que se perde em deliberar, em consultar a si mesmo sobre as menores coisas bastaria para executá-las e que, com relação às coisas mais importantes que demandam cada uma seu tempo para execução e nas quais se quer pensar, no entanto, tudo ao mesmo tempo, deixa-se

assim surgir em sua alma uma confusão de pensamentos, um caos de reflexões que agitam, inquietam, perturbam todo o interior e sobrecarregam tanto a mente que ela não consegue mais se lembrar de Deus, de si mesma e nem da coisa que conviria começar.

Sob o pretexto de prever o futuro, para não tentar Deus, como se diz, durante quanto tempo não rolam pensamentos sobre pensamentos, reflexões sobre reflexões, propósitos sobre propósitos? Esgota-se em previdências inquietas, em preocupações dolorosas e, muitas vezes, em precauções inúteis. Por quê?

Porque, quando chega a hora, as coisas mudam de face ou nós mesmos mudamos de ideia e de opiniões. Assim, tomam-se novas medidas, muitas vezes contrárias ao que se tinha tão inutilmente pensado e tão futilmente resolvido por antecipação.

Sob o pretexto do que se quer chamar de exames e santos retornos a si mesmo, depois de ter tratado de certos assuntos, feito ou ouvido certos discursos, não haverá circunstâncias tão frívolas, seja sobre o tempo, lugares pessoas, palavras ditas ou escapadas que não sejam exatamente recordadas e imediatamente seguidas de uma nova avalanche de reflexões mais do que inúteis, já que

elas só servem geralmente para causar vãs alegrias ou vãs tristezas ou vãos alarmes ou esperanças ainda mais vãs, que só fazem, por sua vez, aumentar infindavelmente a dissipação natural da mente e perturbar a paz interior, levando inquietação e perturbação até o fundo da alma.

Por fim, sob o pretexto de um avanço espiritual, que inútil e quase contínua ocupação consigo mesmo, seja recordando sem parar ou na hora errada a agradável lembrança das benesses do céu, das graças recebidas, dos sacrifícios que se teve a coragem de fazer, de todas as suas ações, de todos os seus atos, de tudo o que se passou ou que se passa no seu interior e sobretudo se divertindo com mil projetos bons e santos para o futuro, em detrimento do presente!

Todas estas reflexões, a abnegação interior e a verdadeira morte para si mesmo devem eliminar incessantemente, bem como aquelas que foram tratadas no quarto diálogo das **Instructions**[31], quando foi citado o XVII artigo de Issy, *onde está expressamente salientado que todos os retornos sobre suas ações e sobre os dons de Deus que se fazem para alimentar o amor-próprio ou para usar como apoio humano ou para se ocupar dema-*

[31] Pag. 392.

siadamente consigo mesmo são, não apenas reflexões inúteis, mas também perigosas.

Aí estão, precisamente, as reflexões condenadas pelos verdadeiros espirituais e pelos santos místicos, cujas palavras são muito frequentemente bem mal compreendidas por certa prevenção ou falta, eu diria, de certa inteligência ou atenção necessária.

P. Mas, qual seria o meio de conter a atividade natural da mente nos limites estreitos desse duro e quase contínuo cativeiro, o meio de renunciar incessantemente às mais caras delícias do amor-próprio que consiste na doce liberdade de se entreter como quiser com seus próprios pensamentos e de se alimentar com reflexões que agradam e que divertem?[32]

R. O meio seria dizer a si mesmo nos encontros: "Estas ou aquelas coisas, do que me serve me ocupar delas ainda". Para o que resta a fazer ou dizer, pensaremos nelas em seu tempo e Deus proverá tudo. A *cada dia basta o seu mal*[33]. O dia de amanhã e os seguintes trarão com eles suas graças particulares. Só pensemos então no presente, segundo a ordem de Deus. Deixemos o passado

[32] Ver: Tomás de Kempis. *A imitação de Cristo*. Livro III, Cap. 37: "O puro e completo abandono de si mesmo nas mãos de Deus, para obter a liberdade do coração".
[33] Mateus 6: 34.

com sua misericórdia, o futuro com sua providência e em tudo trabalhando pacificamente e sem preocupações. Primeiramente, cuidemos da nossa salvação e depois, o resto. Abandonemos, em tudo, o sucesso a Deus, colocando em seu colo paterno todas as nossas inúteis preocupações, porque é da fé, segundo São Pedro, que ele toma conta de nós[34].

Digamos a ele então frequentemente, com um simples retorno de confiança e de abandono, muito mais capaz de prover e de remediar tudo do que nossos cuidados mais urgentes: “Senhor, sem querer negligenciar nada do que me ordenastes, seja para o bem da alma ou do corpo, eu espero que, no tempo e no lugar, vós me dês o pensamento, o impulso e a facilidade de empreender e executar tais e tais coisas que acontecem tão frequentemente e se um contratempo se apresentar à minha mente, eu abandono tudo a vós, com seus diversos sucessos, com o propósito de me ocupar mais livremente convosco, de esperar com paciência e com inteira resignação, que todas as coisas cheguem no passo de vossa sábia providência”.

É em consequência dessa preparação de mente e de corpo e de todos os sacrifícios que estão incluídos, que

[34] Cf. 1 Pedro 5: 7.

essa amável providência, sempre atenta aos procedimentos e às necessidades de certas almas, dispõe e arranja em seu favor, até nos menores encontros, que só são fortuitos na aparência, até nos menores acontecimentos favoráveis.

E é assim, pelas frequentes experiências desses felizes e divinos arranjos, que sua confiança e seu abandono estão sempre crescendo felizes. Então, felizes são as pessoas que, por serem mais recolhidas em Deus e melhor dispostas à oração, sabem banir constantemente todas as inutilidades da mente, para nela só reter o estritamente necessário e bem limitado, para o presente que passa bem rápido e para o futuro que não será como se imagina e que pode nem mesmo chegar a acontecer.

Diálogo IV – Sobre a pureza de ação.

P. No que consiste esta pureza?

R. Ela não consiste no corpo de nossas ações, mas na pureza dos motivos que nos fazem agir e que se reduzem todos, em geral, a só agir precisamente por amor a Deus ou segundo a ordem de Deus, sem o que, todo nosso

comportamento será cheio de pecados ou imperfeições ou inutilidades.

P. Por que essa pureza é necessária para entrar no santo recolhimento durante a oração ou a meditação?

R. Porque esse divino recolhimento ao nos unir de uma maneira toda particular ao Deus de toda pureza exige na alma graus de pureza proporcionais ao grau da união.

P. Como se adquire essa pureza?

R. É principalmente por meio dos três outros que acabamos de falar, porque, na proporção de nossos cuidados em evitar tudo o que pode desagradar a Deus, maculando a consciência e tudo o que pode afastar de Deus as afeições do coração e fixá-las às criaturas e tudo o que pode ocupar nossas mentes em prejuízo de Deus, estaremos infalivelmente dispostos a agir em tudo somente por Deus ou com vistas a Deus. Ela é adquirida também com uma grande atenção sobre si no início e, sobretudo, nos progressos de nossas ações.

P. Por que essa atenção é necessária no início de nossas ações?

R. Porque se essas ações são agradáveis, úteis, conformes ao pendor da natureza, elas logo se voltam por

vontade própria unicamente para o atrativo do prazer e do interesse. Ora, que atenção e mesmo que império não é preciso ter sobre si mesmo para impedir sua vontade de ser arrastada inicialmente pela impressão dos motivos naturais que a lisonjeiam, a solicitam e a encantam!

P. Por que você acrescentou que esta atenção é, sobretudo, necessária durante o progresso de nossas ações?

R. Porque, quando se teve a força de renunciar primeiramente a todo atrativo lisonjeador dos sentidos e do amor-próprio, para seguir em tudo somente as visões da fé, através das intenções puras, se depois se esquece de observar de perto o prazer atual ou o prazer que se desfruta ou o interesse que há durante o curso de certas ações vindo sempre a provocar novas impressões, o coração amolece com isto, a natureza mortificada pelas primeiras renúncias desperta, retoma sua ascendência e logo o amor-próprio faz insinuar, sutilmente e quase independentemente de nossa vontade, suas visões interesseiras, colocando-as no lugar dos bons motivos, pelos quais nossas ações tinham sido empreendidas e iniciadas, donde acontecem inúmeros encontros.

Isto foi o que fez São Paulo dizer que, às vezes se inicia pelo espírito, mas se termina na carne. Ou seja, se

termina com visões baixas, terrenas, sensuais, ambiciosas ou interesseiras, o que faz com que se perca ou que se corrompa toda a pureza, todo o mérito de uma infinidade de empreendimentos, de ações de devoção, de caridade, de zelo, de justiça, de amor pela ordem e pelo bem público, até nos ministérios mais santos e nas funções mais sagradas.

P. Como se adquire a perfeição dessa pureza?

R. É tratando de só agir em tudo com o único propósito de agradar a Deus. Ou seja, unicamente por motivo do amor puro, sem dar a exclusão aos outros motivos inferiores, como foi explicado no diálogo do verdadeiro desinteresse, que realça tão fortemente nossas ações que as menores delas são de um mérito muito maior perante Deus do que cem outras muito maiores, mas que não são feitas com este generoso desinteresse. Por quê?

Porque, como disse o Bispo de Meaux[35], assim como toda a Escola, sendo o amor o princípio do mérito no exercício do livre arbítrio, *quem tem mais amor tem, absolutamente, mais mérito, trabalhando mais ou menos* e assim como ele acrescenta mais abaixo: todo o mérito de

[35] *Instruction*. Pag. 366 et 367.

nossos caminhos e de nossas ações depende do grau de amor conhecido somente por Deus.

É por isto que, trabalhando pouco, fazendo pouco, em condições muito limitadas, em estados em que não há quase nada a fazer, pelo menos o que parece grande aos olhos humanos, pode-se, somente por causa do amor, adquirir mais santidade neste mundo e mais glória no céu do que aqueles que, em condições superiores e bastante elevadas farão muitas coisas e mesmo grandes coisas, mas sem serem movidos pelos motivos do verdadeiro amor, que é o puro amor; princípio que, em todo estado, pode e deve consolar os pequenos, os fracos e fazer humildes os grandes, sem, no entanto, desencorajá-los, já que depende deles agir em tudo através do puro amor.

P. Qual é a impureza de ação mais temível, sobretudo para as pessoas espirituais?

R. É a vaidade externa e interna.

P. No que consiste a primeira?

R. Em um desejo descontrolado pela fútil estima humana.

P. Como este fútil desejo corrompe nossas ações?

R. Fazendo com que voltemos livremente nossos olhares e nossas visões para o que dirão, o que pensarão

estas e aquelas pessoas, cuja estima e aprovação nos falam muito ao coração, porque se é idólatra de certa reputação, à qual, no entanto, se não se renuncia em uma boa fé, será, como diz Santa Tereza d'Ávila[36], como um verme preso à raiz de uma planta, que a roe imperceptivelmente, a seca, faz cair seus frutos e as folhas.

Contrariamente, quando se soube pisotear tudo o que é chamado de honraria, reputação, estima, aprovação humana, então, dizem nossos mestres, estaremos num dos mais preciosos graus da vida espiritual, que, ao nos desapegar do que temos de mais caro no mundo, nos une a Deus, nos coloca em condições de só agir por Deus, contentes em agradar a Deus; sozinhos em condições de desfrutar de Deus, não somente na oração, mas quase em todo tempo e em todo lugar[37].

P. A vaidade interior também é para se temer?

R. Muito mais ainda, pois ela não somente é funesta, mas muito mais escondida.

P. No que consiste ela então?

R. Em uma fútil estima por si mesmo que faz com que se prefira aos outros, se medindo e se comparando

[36] *Vie*. Cap. 31 pag. 338.
[37] Ver: Tomás de Kempis. *A imitação de Cristo*. Livro III, Cap. 36: "Contra os fúteis julgamentos humanos".

incessantemente com eles, de onde surgem as elevações, os orgulhos, o desprezo, o desdém, as invejas, os ciúmes e inúmeros outros impulsos descontrolados.

Ela consiste em uma fútil confiança em si mesmo, que faz com que, sem a percepção distinta disto, conta-se muito mais, em todos os encontros, consigo mesmo, com as luzes das próprias resoluções, com suas próprias forças do que com a graça de Deus e muito mais também com certo fundo de virtude e de mérito adquirido, do que com a pura misericórdia de Deus, embora muitas vezes se diga o contrário e se acredite estar verdadeiramente convencido disto.

Por fim, ela consiste em vãos e quase contínuos retornos de uma secreta complacência através da qual, sem que se perceba, pavimenta-se constantemente, com todo o bem que se faz, com tudo o que se faz por Deus, a salvação e a perfeição.

Ora, não há nada, eu não digo de tão oposto ao espírito de recolhimento em Deus, mas de tão próprio para sufocar todas essas fumaças de orgulho e de vaidade. Por quê?

Nós insinuamos com isto a razão, porque, como todas as orações, esta aqui é a que mais humilda, é também

ela que demanda mais espíritos humildes e desconfiados de si mesmo.

P. Mas, em primeiro lugar, de onde vem, uma vez mais, que esta oração é a mais humildante?

R. É que, nas outras, fala-se com Deus e consigo mesmo, reflete-se, raciocina-se, conhece-se distintamente, age-se, opera-se com a graça. São todos atos que exercitam a atividade do espírito e da vontade, que mantém sensivelmente a vida de ambos, o que agrada ao coração humano, o que o contenta, de onde nascem as satisfações interiores, que, por mais santas que elas sejam, não impediram São Francisco de Sales de clamar[38]: *Nossas miseráveis satisfações*[39] *não fazem o contentamento de Deus*.

Mas, na oração que tratamos, o espírito, a vontade, todas as forças estão nela atadas e como que mortas, com relação às operações distintas e ordinárias, não passando de simples atos diretos, tão pouco conhecidos ou tão confusamente percebidos que nela não há nada que se tema tanto estar ocioso, de perder tempo. Daí nascem, invés de complacências durante ou após a oração, as mais fortes tentações para abandoná-la.

[38] *Entretien*, pag. 57.
[39] *Entretien*, pag. 442.

Eu recordo a todos os diretores ___ que tão frequentemente têm tanta dificuldade em acalmar as pessoas com relação a esta atração e que é a mais conhecida de todas ___ o quanto custou a São Francisco de Sales acalmar, sobre esses medos, a Madre de Chantal e por quanto tempo esta sua santa filha ficou exposta aos mesmos medos, às mesmas dores e tentações.

P. Mas, e quando é um recolhimento tão suave quanto perceptível?

R. Nem por isto são atos mais distintos e menos confusamente percebidos. Além disto, tudo o que se passa então de mais suave e de mais sensível na alma, lhe parece tão estranho e tão exótico que se sente muito bem, diz Santa Tereza, que é impossível colocar a si mesmo neste estado. Assim, pode-se muito bem se rejubilar com ela então, mas como o pobre que recebe uma esmola, mas que não pode se glorificar por causa disto.

Daí vem que as pessoas que caminham há muito tempo nesta via, de tanto sentir suas impotências, o que vem com ela e o que vem de Deus, não poderiam se apropriar de quase nada do bem que fizeram, que disseram ou que pensaram, reportando tudo isto a Deus, com um simples impulso do coração, que previne toda reflexão

sobre si, porque nasce de uma convicção íntima, profunda e habitual de suas incapacidades para todo bem.

P. E de onde vem nelas essa convicção profunda e habitual?

R. O Bispo de Meaux já havia mencionado isto[40]. É que elas aprenderam, através de experiências íntimas, o sentido destas palavras: *Sem mim, nada podeis fazer*[41].

P. Enganam-se então, muito grosseiramente, aqueles que combatem, que rejeitam este tipo de oração, por medo da vaidade?

R. O erro deles consiste no fato de que pensam no recolhimento ordinário, tudo o que acontece com muita frequência nas orações passivas extraordinárias: êxtases, arrebatamentos, palavras interiores, visões, revelações, claros e sublimes conhecimentos da Trindade, de todos os nossos místicos.

Mas[42], se eles soubessem que, invés de tudo isto, experimenta-se aqui comumente as trevas, os sofrimentos, as confusões e as humilhações interiores e que, por consequência, é necessária uma grande paciência, uma resignação completa, um abandono perfeito, como ouvi-

[40] *Instruction*. Pag. 250.
[41] João 15: 5.
[42] *Instruction*. Pag. 303.

mos da própria boca da Madre de Chantal[43], sobretudo em uma carta sua a uma superior de sua ordem, se, eu digo, eles soubessem de tudo isto, eles talvez temeriam ainda mais do que já temem esta oração, mas por motivos bem diferentes.

P. Não há autores que, ao falarem do simples recolhimento, da contemplação ordinária ou da oração passiva ordinária, dão ainda ideias tão magníficas e tão elevadas que alguns ficam deslumbrados com elas e outros ficam desencorajados de aspirá-las?

R. Como a prática é diferente! Lembre-se aqui de tudo o que o Bispo de Meaux disse de mais relevante sobre a contemplação e depois no que, segundo ele mesmo, se reduzem, na prática, todas essas magníficas palavras[44]: *à paz e ao silêncio que reinam na escola do coração, onde os sentidos não veem nada, não compreendem nada, onde a alma que lhes escapa parece reduzida a nada e a um nada impenetrável, pela obscuridade da fé, onde essa alma mergulhou e onde ela se encontra sem racionalizações, sem discursos, como um animal.*

Você percebe, neste aniquilamento prático, do que deve se lisonjear o orgulho humano?

[43] Livre 3, Epit. 37.
[44] *Instruction*. Pag. 154.

P. Alguns autores nos enganam então, ao dizerem que é preciso sempre temer as ilusões do orgulho e da vaidade?

R. Este conselho é muito sabiamente dado, mas geralmente muito mal compreendido.

P. O que eles querem dizer então com isto?

R. Que é preciso sempre tomar cuidado para que nosso orgulho e nosso amor-próprio falsamente ofuscados não nos façam jamais buscar, pedir e nem mesmo desejar a menor dessas orações por causa de fúteis desejos de certa elevação. Por quê?

Porque o demônio, se aproveitando dessa disposição orgulhosa, poderia muito bem, através de todo tipo de ilusão, nos fazer encontrar, como a muitos outros, não o que está verdadeiramente nessas orações, mas tudo o que nós buscamos nela de maneira fútil. Ou seja, não o que faz a verdadeira elevação, que é nos rebaixarmos e nos aviltarmos aos nossos próprios olhos, mas o que causa o inchaço do espírito e do coração e que consiste em uma verdadeira abominação perante Deus.

Assim, não nos esqueçamos de que, quando os místicos chamam essas orações de sublimes ou elevadas, é sempre no sentido divino que eles falam e, de forma al-

guma, no sentido humano, como entendem os espíritos fúteis ou ignorantes.

É neste mesmo sentido que São Paulo fala tão nobremente da ciência eminente de Jesus Cristo: *Julgo como perda todas as coisas, em comparação com esse bem supremo: o conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor*[45].

Qual é então, segundo ele, esse sublime e eminente *conhecimento*, pelo qual, ele acrescenta que renunciou a tudo e que tem *em conta de esterco*? Não é, como você sabe, na prática, a estima e o amor por sua cruz, a *participação em seus sofrimentos, tornando-se semelhante a ele na morte*[46], até o ponto de expressar em si mesmo a imagem de sua cruz?

Você ainda encontra, nessa ciência tão eminente, o que bajular a vaidade e alimentar o amor-próprio?

P. Por que você acrescentou que essa oração demanda espíritos humildes e desconfiados de si mesmo?

R. Porque, sem isto, não se pode nem mesmo entendê-la. Os sábios que não tiveram a experiência dela não poderiam julgá-la se não forem humildes, como disse o Bispo de Meaux em seu Prefácio, o que me fez recordar de ter ouvido ser dito em Paris, por um sábio teólogo dos

[45] Filipenses 3: 8.
[46] Idem, 3: 10.

mais conhecidos na França, que ele havia lido várias vezes os graus da oração mencionada por Santa Tereza d'Ávila, sem compreender nada do havia lido, de tanto que esses tipos de sublimidades são próprios, não para bajular o orgulho, mas para confundi-lo, já que, mesmo para entendê-las, é preciso certo abaixamento do espírito, de onde nasce a desconfiança de si mesmo, de seu saber, de suas luzes, o que parece fundamentado nestas palavras de Jesus Cristo: *Pai, Senhor do céu e da terra, eu te dou graças porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos*[47].

P. Por que, ao falar das disposições distantes, você não disse nada sobre a mortificação exterior?

R. Porque ninguém ignora a utilidade delas. Todos os livros, todos os pregadores falam dela e é um consenso que ela ajuda em todo tipo de oração. Além disto, do que serve essa mortificação se o interior não a anima, não a purifica de todas as secretas complacências do orgulho, da presunção, da fútil estima a si mesmo?

Quantas vezes, sob um exterior mortificado, se encontraram espíritos e corações incircuncisos, entregues a toda a vivacidade de seus desejos e à violência das pai-

[47] Lucas 10: 21.

xões mais descontroladas, o que não pode acontecer jamais quando se faz, da abnegação interior, seu capital, que é a principal fonte de toda santidade.

Ora, a que grau dessa abnegação não levam as quatro purezas que citamos? Elas não deixam nada a mortificar, a sacrificar, seja nas ações, nas intenções, nos desejos ou nos pensamentos, o que colocam os sentidos, o espírito, o coração, toda a natureza, na impossibilidade de se satisfazer futilmente no que quer que seja. O que faz morrerem, por consequência, todas as paixões no coração, de sorte que o inimigo não encontra mais nada lá para capturar com suas tentações e nem mesmo com suas ilusões, já que ambas só vêm do orgulho e do amor-próprio, vivendo em suas raízes ou nos brotos da maldita seiva de Adão.

P. Por que não falar ao menos da paz interior, que se diz ser o fundamento da oração e de toda a vida espiritual?

R. Eu confesso que jamais se construirá algo de sólido sem este fundamento, já que é certo, por um lado, que Deus só habita e só opera na paz e que, por outro lado, a falta dessa paz é para a alma o que é a falta de saúde para o corpo. Ora, assim como a doença enfraquece as

forças físicas e coloca na incapacidade para se dedicar aos trabalhos do corpo, da mesma forma, o que altera a paz da alma a torna fraca, entorpecida e quase incapaz de se dedicar às funções do espírito.

É por esta razão que São Francisco de Sales repete tantas vezes em suas obras que a perturbação, a iniquidade, a tristeza e a mágoa são verdadeiras doenças do espírito, muito nocivas ao bem estar da alma.

Eu concordo mais uma vez com tudo isto, mas tome cuidado. Sem falar diretamente dessa paz, talvez eu possa fazer melhor ensinando os quatro meios infalíveis de chegar a ela e de uma maneira tão sólida que essa divina paz não pode mais ser perturbada, nem pelos remorsos inquietos, já que eles só surgem da impureza da consciência ou dos seus arrependimentos mal compreendidos, nem pela violência dos nossos apegos, já que eles não têm outra fonte que não seja a impureza de um coração que, sendo feito somente para Deus, se apega violentamente às criaturas, nem pela tirania de nossas paixões, já que sua principal origem está na impureza de um espírito entregue à errância de seus pensamentos, nem, por fim, pelo desejo de agradar as pessoas ou pelo fútil medo de desagradá-las, já que ambas vêm somente da impureza dos

motivos das nossas ações que não têm somente Deus em vista.

P. Você poderia me dizer agora no que consistem as disposições próximas do recolhimento?

R. É, em geral, fazer bem cada uma das suas orações ordinárias, pois é bastante impossível dar lugar ao recolhimento na oração sem fazer uma oração.

P. Que oração é preciso fazer para isto?

R. É aquela a que já se fixou por um atrativo comum ou por ordem de um diretor, pois é um princípio certo sobre a oração que ninguém deve jamais deixar sua maneira ordinária para tomar outra, a menos que um novo atrativo o chame para esta mudança.

P. Você só fala então daqueles que fazem regularmente a oração?

R. Não somente, sem dúvida. Mas também àqueles que resolveram se dedicar a ela constantemente.

P. Como estes dois tipos de pessoas devem se dedicar, à sua maneira, à oração comum, para se disporem proximamente à oração que tratamos?

R. Elas devem observar nelas duas regras, que falaremos no diálogo seguinte.

Diálogo V – Sobre as disposições próximas ao recolhimento, que consistem em duas regras que devem ser observadas.

P. Qual é a primeira regra?[48]

R. É ir lentamente, suavemente, palavra por palavra seja vocal, seja interiormente.

P. Qual é a segunda regra?

R. *É interromper o discurso em intervalos, para a presença de Deus*, como fala o Bispo de Meaux, segundo o Pe. Baltazar ou, como outros dizem, é interromper o discurso com pausas atentas, para escutar Deus, depois de ele ter lhe falado.

P. Por que é preciso observar a primeira regra?

R. Para evitar todo esforço, toda contenção nociva do espírito, mesmo na oração, pois é uma máxima conhecida que toda oração que faz mal à cabeça não é boa, já que esta deve ser uma obra do coração, muito mais do que do espírito e de um coração que fala com uma confiança filial àquele que Jesus Cristo nos ordena chamar de nosso Pai já no início da oração.

[48] Ver: Tomás de Kempis. *A imitação de Cristo*. Livro II, cap. 01 e Livro III, caps. 01 e 02.

P. Se é preciso rezar bem lenta e suavemente, como fica o fervor?

R. O que é chamado assim não passa, muitas vezes, de um ardor do sangue e da imaginação ou uma pura atividade natural, mais adequada para perturbar as operações do Espírito Santo, ao perturbar a paz interior, sem a qual, ele só opera bem fracamente.

P. Há, nas Escrituras, exemplos para provar o que você diz?

R. Há vários, mas só citarei dois. O primeiro é o do Profeta Elizeu que, antes de se colocar em oração, achava que tinha necessidade de acalmar seu interior, embora santamente agitado, mas um pouco emocionado demais, depois de uma viva explosão do seu zelo, mesmo para a glória de Deus.

O segundo é Elias, a quem Deus ordenou ir escutá-lo na montanha. Mas, quando foi que Deus o fez ouvir sua voz? Foi durante um vento impetuoso capaz de derrubar montanhas?[49] Não, não, diz a Escritura. Não é durante essas impetuosidades que Deus fala. É quando o Profeta sente a terra tremer sob seus pés? Não, não é durante

[49] Cf. 1 Reis 19: 11. *Passou um vento impetuoso e violento, que fendia as montanhas e quebrava os rochedos, mas Javé não estava naquele vento.*

esses tremores que Deus fala[50]. É quando ele vê um grande fogo aceso diante de seus olhos? Não, não é no meio das chamas agitadas que Deus fala. Quando é então que Deus faz Elias ouvir sua voz? Não é, precisamente, diz a Escritura, quando este Profeta sentiu o sopro agradável de um ventinho suave e moderado?[51] Por que isto?

É que toda impetuosidade, ao alterar a paz do interior, nele sufoca o espírito pacífico de Deus ou impede de sentir suas doces impressões, como quando se joga pedrinhas em um lago tranquilo, só se pode perceber nele as doces agitações de uma brisazinha que só faz enrugar a superfície da água.

P. Por que, em segundo lugar, é preciso interromper o discurso com intervalos e com pausas atentas?

R. Para escutar Deus em silêncio, depois de lhe ter falado, pois ele fala, por sua vez, durante a oração, já que elas não passam de um colóquio e de uma conversa com Deus.

P. Como Deus fala então?

R. De várias maneiras, pois ele fala algumas vezes através de visões, através de revelações, através de palavras interiores que são ouvidas no fundo da alma, diz

[50] Cf. 1 Reis 19: 11. *A terra tremeu, mas Javé não estava no tremor de terra.*
[51] Cf. 1 Reis 19: 12. *Depois do fogo ouviu-se o murmúrio de uma brisa ligeira.*

Santa Tereza d'Ávila, como se elas fossem articuladas e pronunciadas em nossos ouvidos.

Mas não é isto que está em questão aqui, pois aqui se trata apenas do simples recolhimento ordinário. Deus fala através de certas luzes e inspirações e é preciso então, para ficar mais atento a isto, interromper, de tempos em tempos, seu próprio discurso. Deus fala agindo, pois, em Deus, falar e fazer são a mesma coisa. “Deus falou e tudo foi feito”, dizem as Escrituras.

É preciso então parar algumas vezes, para dar lugar às impressões que Deus quer implantar no coração, que ele move, que ele gira, que ele manipula, que ele molda, como bem ele quer, de uma maneira, na verdade, incompreensível, mas muito mais facilmente do que a mais hábil mão não poderia fazer, como quisesse, com um pedaço de cera mole. Desde que, todavia, as impurezas da nossa alma não constituam um obstáculo às suas operações.

Deus fala ainda concedendo o que lhe é pedido, assim como um rico fala e responde a um pobre, precisamente lhe dando uma esmola. É preciso imitar os pobres que, longe de chorar e gemer sem parar, param de tempos em tempos, para estender e abrir a mão que deve receber a esmola.

Da mesma forma, paremos em intervalos e suspendamos nossos gritos perceptíveis, para dar um tempo aos nossos desejos e à nossa confiança de bem dilatar e abrir o coração onde Deus, com suas divinas infusões, deve fazer correr tão doce quanto secretamente, as graças firme e pacientemente esperadas.

P. Durante os intervalos concedidos ao silêncio interior e às pausas atentas, o que faz prontamente nossa alma?

R. Ela interrompe o discurso e as reflexões, com um ato livre que os suspende e, com outro ato __ ou melhor, com o mesmo __ ela permanece em um silêncio atento, quase como uma pessoa que, acreditando a ponto de ouvir uma agradável sinfonia, para tudo imediatamente e suspende como pode todas as suas reflexões e impulsos perceptíveis, para se colocar assim na escuta e ter mais atenção ao que deseja ouvir bem sem perder nada.

P. Por quanto tempo devem durar essas pausas atentas?

R. Mais ou menos, segundo as diferentes situações em que se encontre, pois os iniciantes, que ainda não adquiriram nenhuma facilidade em poder se colocar diante de Deus, em paz e em silêncio, devem fazê-las curtas, mas

depois, elas devem se tornar pouco a pouco mais fáceis e mais longas, seja em virtude das disposições adquiridas ou de algum começo de atrativo para o recolhimento, de onde é preciso concluir que, em geral, se deve se colocar em silêncio e nele permanecer em escuta todas as vezes e pelo tempo que se dedica atualmente alguma boa disposição de espírito ou de coração com relação a Deus.

P. Você poderia me dar alguma ideia dessas boas disposições atuais e com relação às diferentes maneiras da oração?

R. Com relação àqueles que rezam vocalmente, com a atenção requerida ou que meditam ou que fazem leituras refletidas em forma de meditação, serão algumas vezes certos pios sentimentos de medo ou de amor ou de arrependimento pelo passado ou de desejar viver melhor, o que os impede de se dedicarem a esses simples impulsos, de pararem para deixá-los penetrar até o fundo da alma, ou melhor, para permitir que o Espírito Santo os grave sempre mais profundamente, pois é por esta razão que a Igreja o chama de “dedo da destra do Pai celeste”. Depois, se for preciso um novo estímulo a tais sentimentos, depois de tê-los estimulados uma segunda ou várias vezes, através das mesmas ou semelhantes reflexões, que

as impede ainda de se comportar da mesma maneira, tratemos sempre de conservar, pelo máximo de tempo possível, todas essas simples, mas salutares impressões, todas essas boas disposições atuais que formam o recolhimento.

P. No que consistem as boas disposições atuais daqueles para os quais a oração é totalmente afetiva?

R. Algumas vezes será um certo desfrute de Deus, um desejo de se unir a Deus, uma simples tendência do coração para Deus, uma calma profunda em todo o interior, uma paz encantadora que não se tem o costume de ter, o que mostra, dizem os místicos, que Deus fala à maneira dele, ou seja, que ele gera a paz e o amor no fundo do coração.

Ora, o que impede este de permanecer então em paz, em silêncio, em puro abandono perante Deus, como a estátua mencionada por São Francisco de Sales ou de uma tela bem esticada diante daquele que a pinta, segundo a expressão de São João da Cruz[52], ou seja, sem se agitar, sem se remoer interiormente, fazendo cessar a ação ordinária, contente em permanecer tranquilo com uma inteira entrega de si mesmo nas mãos de Deus?

[52] Cant. 3, pag. 659.

P. Mas, há também pessoas que se escandalizam com esta doutrina, sobretudo com as comparações feitas.

R. Mas são somente aqueles a quem faltam certas reflexões sobre seu próprio interior e sobretudo o que se passa na alma, que não reconhecem, como todos os comuns, que esses tipos de atos sensíveis e palpáveis, que se podem contar como se contam as contas de um rosário e que, como consequência necessária, jamais compreenderam a definição exata de quietismo feita pelo Bispo de Meaux, quando ele disse: *Os quietistas são aqueles que, com uma cessação total de atos para com Deus, abusam do santo repouso da oração*.

Ora, enquanto se estiver em alguma das disposições atuais que acabamos de mencionar, pode haver uma cessação total de atos e, por consequência, a pura ociosidade dos quietistas, já que essas disposições atuais não passam de atos simples e diretos, dos quais não se poderia falar muito, à exemplo do Bispo de Meaux, que tratou delas tão longamente, como o tema menos conhecido e o mais importante em matéria de oração e de espiritualidade.

P. Mas, não se pode se enganar, se acreditando atualmente nessas santas disposições de espírito e de coração?

R. Isto é possível, sem dúvida, como com relação às disposições necessárias aos sacramentos. É por isto que em ambos os casos é preciso tomar bastante cuidado e sobretudo consultar os diretores.

P. Estes possuem alguma regra certa nesta matéria?

R. Talvez mais certa do que todo o resto. Foi o próprio Jesus Cristo quem lhes deu esta regra em curtas palavras: *É pelo fruto que se conhece a árvore*[53].

Por consequência, toda oração que nos torna santos, melhores ou menos maus é certamente boa, já que elas são somente um meio de santificação. Se ela não produz nenhum destes bons efeitos, ela se torna suspeita. Mas se ela produz o contrário, como nos quietistas, trata-se então de uma abominação.

P. Se, depois de tentativas dessas pausas atentas, eu não me encontrar em nenhuma das disposições observadas e indicadas, devo, por isto, abandonar a prática dessas pausas?

R. De forma alguma. É preciso fazer então o que diz a Escritura: mantenha com uma corajosa paciência as

[53] Mateus 12: 33.

expectativas pelo Senhor[54]. É preciso se dizer, como o Rei Davi, em tal caso: *Com expectativa esperei o Senhor*[55].

É preciso praticar o que Jesus Cristo nos ensina na parábola[56] daquele homem que no meio da noite foi acordar seu amigo para lhe pedir três pães. Inicialmente, ele foi recusado e esperou em vão, mas, no fim, a importunação de seus clamores e de suas expectativas redobradas lhe propiciaram o que parecia ter sido esperado em vão por muito tempo.

Por fim, é preciso imitar aqueles pobres que, embora cansados e decepcionados por terem muitas vezes esperado à porta dos ricos, não deixam de retornar novamente, com a esperança de, em algum momento mais favorável e por causa de novos lamentos e expectativas reiteradas, venham por fim a obter o que foi recusado a outros menos corajosos e pacientes na espera.

P. Mas, enfim, se, após um longo tempo perseverando na prática dessas pausas atentas sem jamais experimentar nada do que você disse, não perdemos de fato o tempo?

[54] Eclesiástico 2: 3. *Sustine sustentationes Dei*.
[55] Salmo 39: 2. *Exspectans exspectavi Dominum*.
[56] Cf. Lucas 11: 5-8.

R. De forma alguma, pois, em primeiro lugar, essas pausas supõem sempre a ação precedente, já que elas só acontecem quando se faz cessarem os atos da própria iniciativa, para ouvir Deus. Em segundo lugar, assim como Deus vê a intenção do celerado que esperará horas inteiras para dar seu golpe, ele também vê a boa intenção das suas pausas atentas e não deixa de estar mais pronto e mais liberal para recompensar do que para punir. Além disto, sua boa intenção durante esses intervalos não é somente um bom ato, mas é um amontoado e um composto de atos excelentes.

P. Você poderia me explicar alguns desses atos?

R. 1) Trata-se de um ato de fé sobre a presença, sobre o poder, sobre a misericórdia de Deus, pois você não poderia permanecer no silêncio atento se você não estivesse interiormente convencido de que Deus está presente por toda parte, vê o que se passa em toda parte e que ele é, além disto, suficientemente poderoso e suficientemente bom para nos assistir. Esta então é sua fé posta em prática.

2) Trata-se de um ato de desejo e de esperança, pois só se espera o que se deseja e pelo se tem esperança. Ora,

o desejo faz a essência da prece e a esperança deve fazer toda sua eficácia.

3) Trata-se de um ato de extrema desconfiança de si mesmo e de uma grande confiança em Deus, já que, durante esses intervalos, você só faz cessar suas operações ordinárias porque você conta muito pouco com elas e muito com as de Deus.

4) Trata-se de um ato de profunda humildade, ao querer bem, à exemplo do Rei Profeta, permanecer de tempos em tempos diante de Deus sem discurso e sem racionalizações, como um animal de carga a quem o silêncio convém mais do que a palavra, em presença dessa alta e suprema Majestade.

5) Trata-se de um ato de resignação e de abandono, já que você permanece em silêncio, totalmente disposto a se ver ouvido ou recusado segundo o que agradar a Deus, perante quem você quer se manter firme, apesar de todas as distrações e as securas que tornam muito frequentemente essas pausas atentas muito penosas e muito aborrecidas.

P. Mas se, durante esses intervalos, eu não penso e nem posso pensar em nada de tudo isto?

R. Não importa. Você a pratica atualmente, já que a intenção de suas pausas atentas inclui tudo isto.

P. Você poderia me explicar com alguma comparação acessível?

R. Quando um pecador comete um crime, qual é então, precisamente, seu propósito, se não é satisfazer sua paixão? Ele pensa, comumente, em sua desobediência, em sua revolta contra Deus, em sua ingratidão para com Deus, no desprezo que ele demonstra então pelas promessas, pelas ameaças e mesmo pelo sangue de Deus? Tudo prevaricações e muitas outras que os livros e os pregadores não deixam, no entanto, de lhe imputar e de lhe censurar. Por quê?

Porque, dizem os teólogos, tudo isto está encerrado em seu pecado livremente cometido e, por consequência, supõem-se que ele queira tudo isto eficaz e praticamente. Acontece quase o mesmo com todos os atos contidos e encerrados na intenção de suas pausas voluntárias, atentas, desejosas, humildes e totalmente resignadas.

P. Há alguma outra vantagem nessas pausas?

R. Uma das mais consideráveis, em minha opinião, é se encontrar assim totalmente ao alcance da entrada no santo recolhimento, como queira Deus, segundo as boas

disposições adquiridas pela prática das quatro purezas e o fervor dos atos contidos na intenção com a qual se faz frequentes pausas.

P. Mas, você não disse que não nos cabe mudar nossa maneira ordinária de orar e que é preciso esperar que Deus nos chame para essa mudança?

R. Também aqueles de quem falo se alguma vez tiveram o cuidado de deixar a série de orações em que Deus e os diretores os deixaram, se algumas vezes eles interromperam o discurso com intervalos, como foi dito, isto aconteceu precisamente para esperar o momento da atração divina, para estarem melhor dispostos a recebê-lo e mais prontos para se entregarem a ele assim que Deus quiser lhes fazer sentir os menores toques.

Ora, isto é o que eu chamo de estar totalmente ao alcance de entrar no recolhimento, não apenas sem imprudência, sem presunção, mas também sem ter necessidade dessas longas e difíceis discussões. Eu chamei isto de simplicidade na oração, já que, de um lado, é Deus mesmo que me faz entrar nela e que, por outro lado, eu não fiz nada a este respeito, como o pobre à porta do rico, onde, depois de ter batido, gritado e gemido com todas as

suas forças, ele espera pacientemente a esmola e a recebe precisamente tal como ela lhe foi dada.

P. O que acontece além do ordinário?

R. Eis que é muito consolador para as pessoas que fazem regularmente a oração e na maneira explicada. Além disto, acontece, em primeiro lugar, que, muitas boas almas que, sem terem percebido, já possuem uma grande atração para o simples recolhimento e nele entram como em pleno voo à favor de suas menores esperas silenciosas. Por quê?

Porque, desde já, elas não sufocam, elas não perturbam mais o duplo sopro do Espírito Santo, nem através das operações ordinárias, nem pela atividade natural, nem pelo medo de estarem ociosas.

Acontece, em segundo lugar, que várias outras pessoas que não tiveram ainda este atrativo, não apenas o obtém com atos heroicos de suas penosas e longas esperas, mas também que elas se encontram em estado de sentir esta atração divina e de se entregarem a ela durante a paz e o silêncio de suas pausas atentas.

Acontece, enfim, de pessoas ainda muito imperfeitas, mas de boa vontade; de pecadores ainda muito fracos, mas vivamente tocados pelo desejo sincero de se

converterem, obterem, por causa de esperas humildes, desejosas e resignadas, obterem, repito, que suas meditações, preces, leituras, elevações de espírito e de coração para Deus sejam frequentemente misturadas com vários toques passageiros desse divino recolhimento, o que, sem dúvida, jamais teria acontecido se ambos tivessem continuado a lhe opor obstáculos. Os primeiros, com a continuação apressada e não interrompida dos atos refletidos e os segundos, através da preocupação de não fazerem o suficiente.

P. Mas, se os toques passageiros dessa divina atração, por se tornarem mais frequentes e mais longos, vierem pouco a pouco transformar minha oração em um puro e simples recolhimento, como se preparar então para esta maneira de orar?

R. Como não se sabe ainda quando e nem por quanto tempo agradará a Deus nos manter assim em paz e totalmente recolhidos em sua presença, é preciso sempre recomeçar sua oração ordinária e, por consequência, empregar as mesmas preparações para fazê-la.

P. Mas, quando este recolhimento se tornou habitual e nos deu, como diz o Bispo de Meaux[57], uma feliz faci-

[57] *Instruction*, pag. 250.

lidade para fazer a oração desta simples maneira, invés de outra, que preparação é preciso fazer então?

R. Como a preparação está totalmente feita por esta disposição fixa e permanente, que prepara a alma para fazer a oração desta maneira, disse o Bispo de Meaux[58], é então que basta se lembrar de uma verdade da fé, uma palavra das Escrituras, um bom pensamento, um só de nossos mistérios. É então que basta se colocar perante Deus através de uma simples lembrança de sua presença, basta afastar do seu espírito toda ideia sobre as coisas sensoriais, com o propósito de só se ocupar com Deus ou com Jesus Cristo, como já disse o Bispo de Meaux[59], segundo São João da Cruz.

P. Mas, quando se está fixado assim nesta maneira de orar, de onde os atos refletidos estão excluídos, o que se tornam então as resoluções que se tem o costume de fazer durante a meditação?

R. Há outros momentos para fazê-las. O momento do recolhimento não é próprio para isto e cada exercício requer seu tempo, como disse o Bispo de Meaux[60], com o Pe. Baltazar. Além disto, acontece comumente que, em

[58] *Idem*, pag. 248.
[59] Idem, pag. 245.
[60] Instruction, pag. 161.

virtude deste recolhimento, se está nos encontros totalmente disposto para a prática do bem e a fuga do mal. Por consequência, muito melhor pronto par manter as boas resoluções que se fez antes sem grande efeito.

P. De onde pode ter vindo então essa feliz disposição, essa força nova?

R. Da operação particular do Espírito Santo, pois é certo que, o que se pode adquirir com a força de tempos e atos reiterados com a graça ordinária, o Espírito Santo opera fácil e prontamente através da graça especial do simples recolhimento. Daí vem que as pessoas desta oração praticarão, no primeiro encontro, certos atos difíceis e heroicos, com a mesma facilidade que aqueles que a adquiriram com muita dificuldade e trabalho, o que não deve nos surpreender. Por quê?

Porque, como nesta oração nosso coração se volta, se inclina, pende para Deus, se une a Deus, repousa em Deus, Deus, do seu lado, fala e responde da mesma forma, se inclinando, se derramando nesse coração, se unindo a ele, se repousando nele, por sua vez, até o ponto de achar nele suas *delícias*[61].

[61] Cf. Provérbios 8: 31. *Achando as minhas delícias junto aos filhos dos homens*.

É de se admirar que se encontre tudo Naquele que é tudo? É de se admirar que a virtude seja adquirida, seja aperfeiçoada em proporção precisamente com a nossa união com Deus nesta vida, já que, na outra, a união perfeita faz nela a consumação de todas as virtudes?

P. Não há nas Escrituras algum exemplo desta maneira de rezar, interrompendo o discurso em intervalos, para permitir a presença de Deus?

R. Era assim, sem dúvida, que o publicano rezava no fundo do templo. Lembre-se do pronto e surpreendente efeito de sua prece.

Ora, se não soubéssemos mais, o que não imaginaríamos sobre o fervor, a continuidade, a beleza dos atos desta excelente prece? Mas também ficaríamos surpresos de encontrar nela somente estas curtas e simples palavras: *Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador*[62]?

Você acredita que ele as repetia incessantemente, sem interrupção e até perder o fôlego? Sem dúvida que, depois de tê-las pronunciado, ou com a boca ou com o coração, ele se manteve interiormente todo ocupado com as impressões que o tinham feito pronunciá-las. Sem dúvida que ele tratou de conservar em silêncio, por tanto

[62] Lucas 18: 13.

tempo quanto ele pôde, os pios sentimentos expressos por estas poucas palavras. Sem dúvida que, quando esses sentimentos se esvaneceram, ele tratou de reavivá-los, com a simples repetição das mesmas palavras. Sem dúvida que os impulsos simples e diretos do seu coração fizeram assim o capital e o essencial de sua prece.

O Evangelho não mostra suficientemente isto, já que, ao contar somente estas curtas palavras, ele traça uma viva e exata pintura de todo o exterior de quem as pronunciou? Por que isto?

Sem dúvida para representar assim claramente aos nossos olhos através da humilde postura do seu corpo, a humilde postura de sua alma, interiormente toda confusa com suas desordens, contrita, humilhada, aniquilada e gemendo perante Deus.

A *mulher atormentada por um fluxo de sangue* rezava de maneira diferente? Ela só dizia em seu coração: *Se eu somente tocar na sua roupa, serei curada*[63].

Mas, deixemos inúmeros outros exemplos iguais e nos voltemos para aquele de Jesus Cristo, nosso modelo. Como foi sua prece no jardim de Getsêmani, em que São

[63] Mateus 9: 21.

Mateus e São Marcos nos fazem observar expressamente que ele ficava *dizendo as mesmas palavras*[64].

Sem dúvida que ele as interrompia frequentemente e com longos intervalos, já que, por um lado, suas palavras eram muito curtas e, por outro, sua prece durou três horas.

P. Que consequência, ou melhor, que fruto se deve tirar destes exemplos?

R. É o de nos curar do erro de muita gente que nunca pensa em meditar bem e nem rezar se não estiverem em um contínuo impulso interior, para amontoarem reflexões sobre reflexões, preces sobre preces, atos sobre atos. É preciso então banir o exagero para substituí-lo pelo essencial, que é a atenção do coração, no que a maior parte pensa pouco. Sem isto, no entanto, as preces vocais jamais passarão de um inútil som de palavras e a meditação e a leitura, não passarão de uma diversão mental.

Ora, o meio mais fácil, mais curto de banir o exagero de todos os nossos exercícios de devoção, para substituí-lo pelo essencial, ou seja, a atenção do coração, é somente observar neles as duas regras prescritas e aprender assim a se manter perante Deus em paz, em silêncio e atento,

[64] Mateus 26: 44 e Marcos 14: 39.

sobretudo quando, através dos seus divinos atrativos, ele nos chama para este santo e amoroso repouso que é o fim e o principal fruto da prece, já que, por um lado, só se busca Deus para encontrá-lo, para se unir a ele, para se repousar nele e, por outro lado, é nesta união, neste repouso do coração que consiste toda a santidade sobre a terra, assim como toda nossa felicidade no céu consistirá em uma união perfeita e em um perfeito e eterno repouso.

Infelizmente, se com um pouco mais de desconfiança em si mesmo, de suas próprias iniciativas, de suas operações ordinárias, se com um pouco mais de confiança em Deus e de abandono ao Espírito Santo, fosse dedicado algum tempo à prática de todos os exercícios de devoção, com esta dupla prática, os diretores e os pregadores não teriam mais tanto motivo para nos reprovar incessantemente pelo pouco fruto que tiramos de nossas meditações, leituras, missas, comunhões etc. e, sobretudo, da prece vocal, que, por não ser animada pelo coração e pela falta deste espírito interior, é como um corpo sem alma e permanece sempre sem efeito.

P. Mediante as disposições requeridas, é possível chegar ao santo recolhimento somente com a ajuda da menos perfeita das preces, que é a vocal?

R. Lembre-se do que o Bispo de Meaux conta de Santa Tereza d'Ávila, sobre aquela viúva que dedicava várias horas para a recitação de alguns Pais Nossos e nos quais, os intervalos eram uma verdadeira contemplação sem que ela percebesse isto.

Não vemos ainda hoje no campo, nas aldeias, algo de muito parecido, já que lá vemos pessoas simples, mas inocentes e virtuosas, que só conhecem muito pouco as preces vocais, incapazes, além disto, de qualquer outra instrução além de recitá-las lentamente e de interrompê-las em intervalos, para a presença de Deus, permanecendo horas inteiras nas igrejas, sem aborrecimento, sem desgosto, com um ar de modéstia, de respeito e de atenção, que edifica, que toca os espectadores?

Pergunte-lhes depois o que elas disseram a Deus e elas lhe responderão, com lágrimas nos olhos, que não sabem rezar e que jamais conseguiram aprender.

Grande Deus! O que elas fizeram lá então, por tanto tempo? Que encanto secreto as manteve lá então, com um

tão grande gosto devocional, com tanta paz e com tanta doçura que parece que elas se apegaram ao lugar santo?

Que cada um pense o que quiser. Eu estou convencido e ouso dizer que elas fazem então a oração da fé, da simples presença de Deus. A oração do coração e da simplicidade que muitos dos nossos sábios não podem nem mesmo compreender e que jamais compreenderão se, como diz o Bispo de Meaux[65], *eles não forem humildes e se eles não tiverem o coração voltado diretamente para Deus*. Ou seja, se eles não se recolherem para se colocarem terra a terra perante Deus, em simplicidade de coração, segundo a expressão comum dos Profetas.

P. Apesar de tudo o que você disse ou insinuou sobre a facilidade das disposições para esta oração, por que há tão poucos, em todos os estados, a quem Deus a dá, pelo menos constantemente?

R. É que a maior parte, longe de se dispor a receber esta graça, coloca todo tipo de obstáculos a ela. É que a maior parte trabalha positivamente para se tornar muito indigno, eu digo mesmo dos menores toques passageiros desta graça. É que se encontram muito poucos que aspirem somente a uma inteira pureza, muito poucos que

[65] Pref., pag. 12.

querem se dedicar a fazer regularmente a oração, muito poucos que, ao fazê-la, observam suas regras prescritas, muito poucos que não a sufocam ou que não perturbam o suave sopro do Espírito Santo, por não conhecê-lo ou por não segui-lo, muito poucos, enfim, que tenham suficiente coragem, quando este atrativo deixa de ser perceptível, para se entregarem então constantemente em puro espírito, em pura fé, com um perfeito abandono nas mãos de Deus, como fez por tantos anos a venerável Madre de Chantal com relação ao Bispo de Meaux.

P. Que regras devem seguir aqueles que, por uma graça especial, chegaram a esta simplicidade de oração?

R. Para tratar deste segundo tema com ordem, é preciso primeiro distinguir aqueles que são tratados aqui em três classes, pois há os iniciantes, os avançados ou beneficiários e aqueles que fizeram grandes progressos.

Diálogo VI – Sobre as regras ou conselhos para os iniciantes.

P. Quantos conselhos você tem para lhes dar?

R. Principalmente três, que reúnem vários outros.

P. Qual é o primeiro?

R. É ter uma grande atenção em saber aproveitar de todos os momentos favoráveis para o recolhimento, pois acontece muitas vezes àqueles de quem falamos, durante uma leitura devocional ou à missa, à comunhão ou após algum pequeno sacrifício do amor-próprio ou depois de um bom pensamento, de uma curta elevação do coração a Deus e em muitas outras ocasiões, acontece, repito, de se sentirem subitamente arrastados em suas profundezas por um gosto súbito de Deus. Esta é a chegada do Espírito Santo. Este é o momento favorável, não para falar com Deus, mas para escutá-lo em silêncio. Não para agir por si mesmo como sempre, mas para aderir simplesmente a tudo o que for do agrado de Deus operar em nós e de permanecer pelo máximo de tempo possível nesse desligamento atento em que Deus penetra bem a intenção e todos os atos excelentes que nela estão incluídas.

P. Que bem produz essa santa prática?

R. O primeiro é que Deus, tocado pela atenção contínua, a confiança e o abandono dessa alma, opera nela, independente da vontade dela, o que só ele sabe que lhe é conveniente. O segundo é que, com isso, se forma sempre cada vez mais o feliz hábito de se manter em repouso e

em silêncio atento perante Deus, o que é bem mais difícil do que se pensa.

P. De onde pode vir então essa dificuldade, pois, em princípio, nada parece mais fácil do que esse repouso silencioso e tão fácil que muitos chamam de ociosidade?

R. Essa dificuldade vem, em primeiro lugar, da presunção secreta, de uma fútil confiança tão profundamente enraizada na alma que, se não se tomar cuidado com ela, é na prática, como se estivéssemos efetivamente convencidos de que não aconteceria, que tudo estaria perdido se deixássemos mais para Deus fazer do que nós mesmos faríamos.

Veja como Jesus Cristo fez Santa Catarina de Siena entender isto.

> *Tendo lhe dito um dia: "Mas, Senhor, por que no tempo dos Profetas e dos Apóstolos, vós fazíeis tão grandes coisas, vos comunicando tão abundantemente com as pessoas e no presente não se vê nada de parecido?"*
>
> *Jesus Cristo respondeu: "Minha filha, é que antigamente as pessoas eram de uma grande simplicidade, muito desconfiadas delas mesmas, que esperavam tudo de mim. Mas, no presente, elas são muito cheias delas mesmas, de confiança nelas mesmas, muito ocupadas com o que fazem, com tudo o que me dizem e repetem sem parar, como se eu esquecesse que elas quase nunca me dão o tempo para operar nelas o que eu quero, porque querem dizer tudo e fazer tudo à maneira delas".*

Essa dificuldade vem também do fato de que custa muito ao amor-próprio e à atividade natural do espírito renunciarem assim aos seus próprios pensamentos, reflexões, operações ordinárias, para se manter totalmente encerrado somente na simplicidade dos atos diretos, tão pouco percebidos ou tão pouco sentidos, o que é uma verdadeira morte para si mesmo e talvez o que há de mais mortificante nas abnegações interiores.

P. Parece que os santos encontraram nisto, algumas vezes, a mesma dificuldade?

R. Muitas vezes, ela lhes pareceu tão grande que, para superá-la, a venerável Madre de Chantal acreditou precisar de uma ordem expressa. “Meu Padre, ordene-me me manter precisamente nesse repouso, no silêncio e eu espero que meu espírito respeite suas ordens”[66], escreveu ela ao seu santo Diretor.

São Francisco de Sales, depois de ter exortado a si mesmo muitas vezes, mas inutilmente, para manter o silêncio interior[67], para seguir seu atrativo, cansado um dia da atividade mesmo santa do seu espírito a discorrer, clamou em um transporte: “Meu Deus! Interrompei este corredor!” Isto demonstra o tanto que ele achava difícil,

[66] *Vie*, par M.de Maupas, Évêque d'Èvreux, 2a. part. cap. 7. pag. 263.
[67] Reliq. 2. part. ch. xo. p. 149.

durante a oração, o que algumas pessoas gostam de chamar de ociosidade. Pelo menos, antes de dizerem isto com tanta segurança, seria conveniente terem feito alguma tentativa ou serem melhor informados do que se trata.

P. Mas, se os momentos favoráveis a este recolhimento acontecem durante as preces vocais e as leituras espirituais, é preciso deixar ambas?

R. Se essas preces vocais não são obrigatórias, é preciso sem dificuldade deixá-las para se entregar ao recolhimento e aproveitá-lo o tempo que ele durar. Isto é deixar a prece menos perfeita para a mais perfeita, na opinião do Bispo de Meaux.

Se essas preces forem obrigatórias, como o ofício divino, se ela for recitada em particular e se se tem a certeza de ter tempo para terminá-la, será muito bom suspender a recitação durante esses felizes momentos, retomando-a depois no lugar em que foi deixada e continuando com mais atenção e devoção. A maneira mesmo mais perfeita seria recitá-la na simples presença de Deus e em espírito de recolhimento.

Quanto às leituras, é sem dúvida muito útil ouvi-la falar de Deus, mas é ainda melhor ouvir o próprio Deus,

quando ele condescende falar no fundo do coração. Além disto, exceto no caso da instrução necessária, não se deve dar atenção ao que se lê além do necessário, para que o coração desfrute dela, pois é uma máxima constante entre os místicos que *se entra melhor nas verdades da fé através de um desfrute pacífico do que por todas as racionalizações do espírito*.

Daí vem que se viu e que se vê pessoas simples, sem estudo, sem penetração, terem maiores sentimentos de Deus e de nossos mistérios do que os espíritos mais sublimes que se dedicam às racionalizações.

Foi também por esta razão que o Profeta disse: *Provai e vede*[68], invés de dizer, como nos pareceria mais correto, "Vede e provai".

Isto também fez um grande místico moderno que fez as leituras dizer: "As palavras são apenas o marco, mas o desfrute de Deus que se tem com elas é como o suco com o qual nossa alma é alimentada e engordada".

P. Eu não entendo muito bem como este simples desfrute de Deus pode produzir tão grandes efeitos nas almas.

[68] Salmo 33: 9.

R. É um princípio que o coração se apega aos objetos mais facilmente, mais prontamente, mais ardentemente pelo desfrute e pela emoção do que pela luz. Veja o prodigioso apego que produz em pessoas, aliás, muito esclarecidas, o desfrute do mundo, somente o desfrute dos miseráveis prazeres do mundo, as fúteis diversões do mundo. Julgue, com isto, o quanto a alma deve se apegar a Deus, na medida em que ela o desfruta, na medida em que ele parece sempre mais amável, na proporção em que ela o desfruta e que somente este desfrute aumenta seus conhecimentos, na proporção com seus sentimentos.

P. Qual é o segundo conselho?

R. Trata-se da maneira de receber os desfrutes perceptíveis, pois, como os iniciantes, segundo suas necessidades, são normalmente alimentados com o leite das consolações espirituais, na expressão de São Paulo, é fácil corrompê-los ao recebê-los e, com isto, até mesmo perdê-los.

P. O que é preciso fazer para evitar esses abusos e essa perda?

R. É preciso recebê-los com um nobre desinteresse e sem jamais se apegar ao seu prazer.

P. Por que é preciso recebê-los com este desinteresse?

R. É para jamais ir à oração com visões interessadas, mas, precisamente, para fazer a vontade de Deus e aprender sempre a se conformar a ele cada vez mais. É para jamais se deixar embriagar com essas doçuras sensoriais, se entregando a elas sem contenção, como faria um famélico e um sedento, com relação a pratos e bebidas agradáveis, pois, assim como os desfrutes sensoriais são apenas um meio de nos unirmos a Deus, não devemos então nos determos neles, mas nos voltarmos sempre para Aquele que só no-los deu para nos atrair para ele. É preciso então só fazer caso deles na medida em que são ajudas para nossa fraqueza, poderosos socorros para que nos desgostemos das criaturas.

Em resumo: assim como Deus pede moderação em tudo, é preciso, no feliz tempo das doçuras celestes, se comportar nele quase como se faria durante um banquete delicioso onde só de deve ingerir o necessário para a manutenção da vida, da saúde e das forças, sem jamais repetir ou mesmo pensar nisto.

P. Por que é preciso possuí-los sem apego?

R. Porque, além do fato de que só se deve se apegar a Deus e, de forma alguma aos seus dons, este apego produziria uma ansiedade em tê-los quando Deus os retira e uma avidez em retê-los quando ele os concede.

P. O que pode haver de mau nessa santa ansiedade?

R. A preocupação, a perturbação, a tristeza na própria oração, quando Deus retira dela os desfrutes sensoriais.

P. Ele os retira então, algumas vezes, mas por que isto?

R. Deus faz, com relação aos iniciantes, o que faz uma mãe para a educação de um filho, ao contrariar muitas vezes suas vontades, para ensiná-lo a não levar somente em conta as dele, fazendo-o ir e vir à vontade, a fazer e desfazer as mesmas coisas em muito pouco tempo, a deixar o que pegou e retomar o que acabou de largar.

Da mesma forma, Deus, para tornar uma alma flexível e maleável em suas mãos e moldá-la segundo sua vontade, tem prazer em contrariar suas vontades mais santas. Por isto, ele a fará sentir cem vezes em um dia as doces aproximações de um recolhimento que desaparece imediatamente, que vem, que aparece e que desaparece quase no mesmo instante. É assim que acontecerá algu-

mas vezes em toda oração, que se tornará, no entanto, uma das mais frutíferas, se, com um santo distanciamento de tudo o que é sensorial, sabe-se praticar, em circunstâncias tão delicadas, uma heroica renúncia às suas próprias vontades, através de uma cega submissão a todas as vontades de Deus.

P. Que mal você vê em uma santa avidez, em querer reter os dons de Deus?

R. É querer se apropriar dele, se tornar proprietário dele, é fazer como as crianças de má índole ou mal educadas, das quais é preciso arrancar pela força o que, por ventura lhes chegou às mãos e dessa avidez nascem, em primeiro lugar, as precauções excessivas que Santa Tereza chama de supertições, ao falar das pessoas tão ciumentas com as doçuras de seu recolhimento *que elas não ousam nem tossir ou resmungar e quase nem mesmo respirar*[69], ela diz, como se, com estes impulsos necessários, Deus quisesse lhes tirar o favor que acaba de lhes conceder, acrescenta São Francisco de Sales[70].

Donde acontece ainda que essas pessoas não podem vencer a elas mesmas, nem pelo amor, nem pelo zelo, nem pela obediência, para se privar por algum tempo da

[69] *Chemin de perfection*, cap. 31. pag. 612.
[70] *Entr*. 18. pag. 324.

doçura do seu recolhimento, muito menos ainda em certos contratempos apresentados pela providência com o propósito de provar suas docilidades e despojá-las de todas as suas vontades para revesti-las com as de Deus.

Daí nasce, por fim, nessas pessoas, um grande número de reflexões sobre elas mesmas e sobre seu recolhimento que são distrações voluntárias, já que isto é desviar de Deus seus olhares interiores para voltá-los para si mesmo e, por isto mesmo, se perde muitas vezes o que se teve tanto ciúme para conservar e sobre o qual São Francisco de Sales tinha o costume de dizer, ao falar desse santo recolhimento: "O mais seguro meio de mantê-lo era não olhá-lo, pois quem se afeiçoa muito a ele o perde"[71], citando estas palavras do Noivo à Noiva, dos Cânticos: *Desvia de mim os teus olhos, porque eles me fazem fugir*[72].

P. Qual é o verdadeiro sentido destas últimas palavras?

R. Que é preciso eliminar toda curiosidade de saber o que se passa no interior de nós mesmo durante o recolhimento e se contentar em sentir confusamente que nele acontecem muitas coisas que Deus conservou secreto.

[71] *Amour de Dieu*, L. 6, cap. 10.
[72] Cântico 6: 5. *Averte oculos tuos a me, quia ipsi me avolare fecerunt*.

Que é preciso confiar nele, se abandonar a ele, para que, talvez, em seguida ele nos mostre mais.

P. Qual é o último conselho?

R. É sobre as distrações e há aqui algumas bem particulares, pois umas não prejudicam de forma alguma esta oração, outras a favorecem, mas outras só fazem causar sofrimento, ao dividirem sensivelmente as forças da alma.

P. Quais são as primeiras, com as quais não há que se preocupar, já não poderiam prejudicar esta oração?

R. São alguns pensamentos voláteis que só passam pelo espírito, aparecem e desaparecem como relâmpagos, enquanto que o coração permanece docemente apegado ao seu objeto, porque o doce repouso do coração está então suficientemente forte para prevalecer sobre suas distrações leves, assim como o prazer de ouvir uma bela voz será, muitas vezes, suficientemente forte para prevalecer sobre algum pequeno ruído surgido ao redor de mim e que não poderia me impedir de ouvir o que me encanta.

P. Quais são as distrações que favorecem este recolhimento?

R. São aqueles que Deus utiliza para propiciá-lo.

P. Como isto acontece e por quê?

R. Depois de ter se colocado, com a ajuda da graça ordinária, no recolhimento ativo adquirido com esforço e penoso de ser conservado, acontece que o espírito escapa por descuido e se detém externamente em pensamentos ou reflexões inúteis. No momento em que se percebe esse afastamento involuntário, acontece na alma um impulso interior, um súbito desdobramento do espírito, em virtude do qual se sente subitamente voltado para si mesmo, sem saber porquê e nem como. Passa-se então para um outro recolhimento, bem diferente do primeiro, pois este é totalmente diferente, pacífico, suave e mesmo durável, sem o menor esforço.

Ora, é com essas frequentes experiências que as almas instruídas na escola do coração sentem muito bem que este recolhimento infuso não depende de nós, que ele não é fruto do trabalho e nem do esforço humano, que é somente Deus quem o propicia a quem ele quer e pelos meios que ele quer.

P. Quais são as distrações que causam as maiores dificuldades, ao dividirem sensivelmente as forças da alma?

R. São as tolices e extravagâncias da imaginação, enquanto que o espírito e o coração estão bem ocupados

com Deus, o que parece partilhar cruelmente e dividir a alma com ela mesma, situação dolorosa que Santa Tereza d'Ávila[73] experimentou por muito tempo, sem poder jamais encontrar para ele, como ela diz, outro remédio que não fosse a paciência. Sobre ele, seguindo seu caráter agradável, ela cita o provérbio espanhol que diz: "Que o moinho matraqueie o quanto quiser, contanto que ele faça a farinha". Uma imaginação descontrolada não passa, segundo Santa Tereza d'Ávila, do matraquear importuno do moinho e que exercita a paciência. Mas, o coração ocupado com Deus, apegado a Deus é o moinho que trabalha utilmente para o que faz o alimento espiritual e a vida da alma.

P. O espírito não se descontrola algumas vezes, ao seguir a imaginação?

R. A santa também experimentou isto, o que parece que foi para nossa instrução. Ela diz: "Meu espírito corria como um louco de um recinto a outro[74]. Mas é preciso evitar correr atrás dele. Ao se correr atrás desse espírito errante e essa imaginação vagante, para fazer com que

[73] Cf. *Château de l'âme*. cap. 1, pag. 518.
[74] *Chemin de perf*. cap. 31. pag. 613.

voltem a si, corre-se o risco de perder tudo, perdendo o doce repouso do coração em Deus[75]".

P. O que é preciso fazer então?

R. Só é preciso se manter firme nesse doce repouso do coração que, com a doçura do seu atrativo, reconduzirá pouco a pouco as forças desgarradas. Quase como se reconduz um enxame de abelhas para sua colmeia com a doçura de algum som agradável ou com o encanto de algum bom odor, diz São Francisco de Sales.

É nessa feliz reunião das forças durante essa calma total em Deus que parece que não se tem mais nada a desejar, dizem as boas almas que tiveram esta experiência segundo Santa Tereza d'Ávila[76].

P. Mas, como pode ser que as forças da alma venham se separar assim e depois se reunir de uma maneira tão encantadora?

R. Parece-me que o fato se tornou indubitável somente com os testemunhos de Santa Tereza d'Ávila e de São Francisco de Sales, cujas obras possuem muito para nos convencer que, além da santidade deles, eles tinham ainda pelo menos tanto espírito e perspicácia quanto nós.

[75] *Idem, ibidem,* pag. 615.
[76] *Idem, ibidem.*

Quanto àqueles que sempre precisaram das comparações mais grosseiras para acreditar ou para compreender as coisas espirituais, eu lhes peço que considerem o que se passa nas almas, quando o coração é tocado por uma forte, mas doce paixão. Muitas vezes, somente ideias tristes, independentes de nós mesmos, passam pela mente e pela imaginação. Esta é a divisão penosa das forças com o coração.

Mas, este coração, ao trabalhar sem cessar pela funesta doçura do seu criminoso atrativo, em reconduzir para si as outras forças, ele as conquistou? Ele se apoderou delas?

Não mais pensamentos tristes, não mais imaginações angustiantes, não mais divisão e contradição no interior, tudo lá está de acordo, unido, em paz e, por isto mesmo, na mais sedutora tranquilidade.

Diálogo VII – Sobre os conselhos às pessoas avançadas, sobre as securas de sua oração e sobre as tentações particulares que as acompanham.

P. Por que estes estão mais expostos do que os primeiros às securas na oração?

R. Porque, não estando mais na infância espiritual, como fala São Paulo, Deus começa a lhes dar um alimento, na verdade, menos delicioso, mas mais sólido. Este é o recolhimento que é chamado de seco ou árido, porque ele é assim, de fato.

P. Este recolhimento é muito diferente do primeiro?

R. Exceto a doçura, ele é semelhante em todo o resto, pois nele se está ocupado com Deus, mas sem desfrutar dele. O coração nele está tranquilo perante Deus, mas em uma paz seca. Nele, se está comumente sem aborrecimento, mas também sem doçura. Sai-se dele com uma vontade sempre mais determinada para o bem, mas também sempre mais profunda, mais afastada dos sentidos e, por consequência, menos sensível, o que parece muito penoso às almas acostumadas aos desfrutes, às doçuras, às sensibilidades. São como crianças sendo desmamadas.

Alguns são vistos aflitos até o ponto de abatimento, das lágrimas e da desolação.

É preciso, no entanto, permanecermos humildes diante desta fraqueza e nos mantermos firmes contra ela, pois esta é a vontade de Deus e sua maneira normal de agir.

P. Pode-se encontrar alguma razão para isto?

R. Deus age assim, dizem nossos mestres, para o interesse de sua glória, que exige que ele seja servido com um perfeito desinteresse, o que quase nunca acontece no prazer atual do que alimenta o amor-próprio, que sempre se apega um pouco e muito naturalmente a tudo o que ele possui com prazer. Deus, com isto, nos faz encontrar nosso grande e verdadeiro interesse, já que é através desse caminho seco do puro espírito e da pura fé, como é chamado, que se chega pouco a pouco à pureza do amor perfeitamente desinteressado, que é a medida da santidade e de toda perfeição[77].

P. Qual é a primeira e a mais perigosa tentação deste novo estado?

[77] *Eu conheço os pensamentos secretos e sei que é um grande benefício para sua salvação que você seja, algumas vezes, deixado sem nenhum prazer interior, para que o bom sucesso não o infle e o leve a se comprazer consigo mesmo, acreditando ser o que você não é. Eu posso retirar o que dei e devolver quando bem quiser*. Tomás de Kempis. *A imitação de Cristo*. Cap. 30, § 04.

R. É a de abandonar esta oração e isto através de todo tipo de pretexto, que não passam de ilusões e novas tentações do inimigo.

P. Qual é o principal pretexto sobre o qual está fundamentada esta tentação?

R. É a crença ou o forte medo de ter perdido o recolhimento, porque nele não se encontra mais gosto ou sensibilidade.

P. Como é possível se proteger contra essa ilusão e suas consequências?

R. É, em primeiro lugar e principalmente, através de uma humilde obediência praticada ao se submeter cegamente ao julgamento e à vontade do diretor. É, em segundo lugar, através de sábias reflexões: “Meu atrativo foi examinado e considerado verdadeiro. Eu só tomei minha decisão baseado em boas razões, em bons conselhos e depois de muitas saudáveis experiências. Eu não estou então testando Deus. Eu posso então me abandonar a ele neste ponto como em todo o resto e esperar tudo com confiança”.

Além disto, o Bispo de Meaux não nos ensinou[78] que esta maneira de orar, *somente por causa de sua simplici-*

[78] *Instruct.* pag. 250.

dade, é sempre e em todo estado, muito menos conhecida por ela mesma do que por seus efeitos e que se eles são bons, os princípios só podem ser bons, já que uma árvore má não traz jamais bons frutos, como disse Jesus Cristo.

P. Devemos fazer estas reflexões no momento da oração?

R. É preciso evitar isto, pois seriam distrações. É preciso antes estar bem convencido delas, para que nenhuma dúvida voluntária venha perturbar o fraco repouso de um coração sem gosto e nos arrebatar assim todo o fruto desse frágil recolhimento, já que ele é sem um atrativo sensorial.

Se a tentação se tornou muito opressiva, é somente isto o que se pode dizer para se encorajar na oração: “Não é tempo de examinar o que se passa comigo e nem o que eu deveria fazer. Poderemos pensar nisto à vontade ao sairmos da oração, como uma prática para após a meditação”.

P. Mas, se este recolhimento é tão árido e tão penoso de conservar, não se trata então de um recolhimento infuso.

R. Mas, o que importa se ele é infuso ou ativo? Não são ambas verdadeiras orações?

Eu posso então me obstinar santamente em perseverar nele, apesar das ilusões do inimigo, que quer me afastar dessa simples presença de Deus. Que eu esteja seguro de ter ao menos a vontade, o desejo, que é o que faz a essência de toda boa oração.

P. Mas, já que quase não se tem mais gosto e nem atração sensorial para reconduzir ao necessário as forças desgarradas, o que fazer quando elas se desgarrarem com as distrações que devem estar aqui bem mais fortes e mais frequentes?

R. Todo mundo concorda que nem a imaginação e nem a mente dependem absolutamente de nós. São somente as distrações da vontade que são nocivas.

Ora, essas distrações voluntárias são aqui menos de se temer. Por quê?

Porque quando se chega a este estado, se está suficientemente desapegado das criaturas para estar livre dessas distrações atraentes e perigosas, que fixam a mente e o coração sobre os objetos que se ama ou que os lembram incessantemente. Além disto, uma alma já acostumada com o recolhimento interior percebe muito melhor do que outra a menor distração e a interrompe mais facilmente desde seu início.

P. Como isto se torna mais fácil para ela?

R. Porque, depois que se treinou o olhar interior, assim que se percebe seu desvio, só se tem que fazer precisamente dentro de si o que se faz no exterior, quando, em presença de uma pessoa fortemente respeitada, se surpreende movendo os olhos de um lado para o outro e então os reconduzimos sem nenhum esforço para a pessoa a quem eles devem o respeito. Da mesma forma, o que só fazemos é redirecionar para Deus o olhar interior que tinha escapado para outra direção.

P. Mas este retorno não é tão fácil e tão perceptível quanto o retorno do olhar dos olhos do corpo, não é?

R. Eu admito isto sobretudo para aqueles que não sabem o que é esta simples operação da alma. Mas aqueles dos quais falamos aqui tiveram um milhão de vezes esta experiência, eles a praticam por tantas vezes quanto eles querem e, quando, por causa da imperceptibilidade deste ato, eles duvidaram algumas vezes, se eles o fazem atualmente, eles sentem ao menos que tiveram a vontade e o desejo e isto lhes basta e os acalma.

P. Mas, e se as securas e as distrações que as acompanham, embora pouco interessantes e atraentes por elas mesmas, se tornarem contínuas e insuperáveis?

R. Para consolar e fortalecer os mais tímidos, eu suponho que a tudo isto se juntam as mais terríveis tentações, assim como Deus permitiu com relação a vários santos. Não é certo que a vontade somente faz todo o mérito e o demérito com seus atos livres.

Ora, eu sinto ou eu reconheço que tudo o que me afasta de Deus, sobretudo no momento da oração, me desagrada infinitamente, já que isto é minha cruz e uma espécie de martírio. Eu não consinto com isto e meu coração nega isto continuamente, somente porque isto me dói.

P. Esta simples recusa basta, sem que seja absolutamente necessário fazer outros atos?

R. Tome cuidado, pois o que é chamado comumente de atos de recusa não passariam de palavras interiores vãs sem a dor do coração que é a verdadeira recusa da vontade que se desagrada com o mal antes de qualquer expressão, por um simples impulso deliberado que o Bispo de Meaux chama de *um ato direto de onde partem, como de sua fonte e de seu princípio, todo os outros bons atos*.

P. O que você acaba de dizer demonstra somente que não há nenhuma ofensa a Deus em tudo o que eu so-

fro independente de mim durante a oração, mas onde está o mérito?

R. Ele está em tudo o que sofro por amor a Deus, pela conformidade com a vontade de Deus! Mérito que cresce sempre em proporção com as securas aflitivas, com as distrações dolorosas, com as tentações humilhantes e crucificantes.

P. Mas eu temo ter dado motivo para isto.

R. Quando você estiver seguro disto, só é preciso detestar tudo o que pode ter dado motivo para isto e depois suportar pacientemente a punição, assim como deve fazer aquele que, com seus desregramentos, tiver caído em grandes doenças ou enfermidades.

P. Mas, se eu soubesse que isto foi somente uma provação de Deus, só este pensamento me encorajaria, suavizando minha pena.

R. Outra ilusão. É assim que fala o orgulho secreto. A palavra provação lhe agrada porque é lisonjeira. A palavra punição provoca revolta e é humilhante. Mas não é tão justo e tão meritório suportar os golpes da justiça de Deus quanto os golpes e as provações de sua misericórdia?

Além disto, há punições puras nos males aflitivos desta vida? A misericórdia e a justiça não estão misturadas nela, como diz a Escritura? Então, nada acontece de ruim, pelo menos para o comum, que não seja ao mesmo tempo castigo e prova, justiça e misericórdia. Castigo, porque nós merecemos ainda mais por nossas menores faltas. Provação, porque a bondade de Deus volta e dirige para nosso benefício tudo o que sofremos com submissão às suas ordens, o que fez um Padre da Igreja dizer: "A bondade do Pai Celeste é tão grande que até mesmo sua ira e seus golpes partem de sua misericórdia".

P. Se for merecido, com tais orações, no mínimo não se avança nos caminhos da perfeição e é isto o que desencoraja, que desanima, quando se tem um ardente desejo de progredir.

R. Tome cuidado aqui com novas ilusões. Este ardente desejo é muito louvável, mas se nele não entrar nenhum tipo de orgulho ou amor próprio, ele for sempre submisso à vontade de Deus. Assim, ele será sem problemas, sem preocupações, sem desencorajamento, porque, ao desejar sua perfeição, ela será desejada no grau preciso e no tempo marcado pela vontade de Deus, através dos meios e da maneira que Deus quiser.

Desejar sua perfeição de outra maneira seria querer seu avanço para se comprazer com ele, invés de agradar a Deus. Querer as virtudes para ser enriquecido com elas, para se ver ornamentado com elas como bem quiser, invés de para ser agradável aos olhos de Deus.

Em resumo: isto seria querer ser perfeito, menos por amor a Deus do que por amor à sua própria excelência.

Meu Deus! Quanta busca do amor-próprio, fino e delicado! Quanta ilusão em matéria de progresso entre os mais espirituais, assim como em matéria de devoção entre os devotos comuns!

P. Qual é o meio de evitar ou superar tantos medos inúteis, ilusões, tentações que nos afastam da oração e sobretudo desta, quando se acredita que não se tira nenhum proveito dela e se perde tempo?

R. É fazer uma justa ideia do verdadeiro avanço, que não é nada do que se acredita normalmente.

P. No que ele consiste então?

R. Ele consiste precisamente em avançar sempre no santo caminho da conformidade com a vontade de Deus. Leia as Escrituras, os Padres, os teólogos e eles lhe dirão todos unanimemente que o verdadeiro amor que faz a

perfeição só consiste em querer em todas as coisas o que Deus quer.

Isto está fundamentado nestas palavras de Jesus Cristo: *Todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe*[79]; *Nem todo aquele que me diz: 'Senhor, Senhor', entrará no Reino dos céus, mas sim aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus*[80]; *Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e cumprir a sua obra*[81]; *não busco a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou*[82].

Ora, não é da fé que tudo, exceto o pecado, que acontece neste mundo é pela vontade de Deus, até os menores acontecimentos, até a queda de um fio de cabelo da cabeça de tantos milhões de pessoas ou de uma folha de árvore no meio de tão vastas florestas?[83] Por consequência, tudo o que eu sofro de mais humilhante, de mais mortificante, sobretudo durante a oração, se eu sofro, é porque Deus quer, no mínimo permitindo isto.

[79] Mateus 12: 50 e Marcos 3: 35.
[80] Mateus 7: 21.
[81] João 4: 34.
[82] João 5: 30.
[83] Cf. Mateus 10: *Não se vendem dois passarinhos por um asse? No entanto, nenhum cai por terra sem a vontade de vosso Pai. Até os fios de cabelo de vossa cabeça estão todos contados.*

Não é por um só ato, mas por uma sequência de atos reiterados que eu avanço sempre cada vez mais na perfeita conformidade com todas as vontades de Deus[84].

P. Mas, uma vez que, por uma longa sequência desses atos reiterados, eu tiver adquirido uma grande facilidade em produzi-los, o que me restará a fazer?

R. Há um caminho imenso a percorrer para adquirir a perfeição dessa conformidade, para passar daí por mil e um novos graus até essa conformidade da vontade que Jesus Cristo pediu para nós, quando ele disse ao seu Pai: *Assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós*[85]. Isto, evidentemente só acontece quando, de tanto querer o que Deus quer, como

---

[84] Ver: Tomás de Kempis. *A imitação de Cristo*. Livro III, cap. 49, § 03-05. *Eu conheço seu desejo e muitas vezes ouvi seus gemidos. Você gostaria de já estar na glória e desfrutar da liberdade dos filhos de Deus. Sua alma se deleita só com o pensamento dessa morada eterna e essa Pátria Celeste onde se desfruta da alegria em sua plenitude, mas esta hora ainda não chegou. Há ainda para você outro tempo para passar, ou seja, um tempo de guerra, um tempo de trabalho e de provação. Você gostaria de ser saciado com o Soberano Bem, mas isto não pode ser agora. Sou eu o Soberano Bem. Espere-me, diz o Senhor, até que o Reino de Deus chegue. Você ainda deve ser provado na terra e exercitado de muitas maneiras. Você receberá, de tempos em tempos, consolações, mas a abundância que sacia não lhe será concedida. "Seja firme e corajoso" (Josué 1: 6), então, para fazer e para suportar o que é contrário à natureza. É preciso que você se "revista do novo ser humano" (Efésios 4: 24) e seja transformado em uma outra pessoa. É preciso que, muitas vezes, você faça o que não deseja e que desista do que gostaria de fazer. O que os outros desejam prevalecerá e o que você deseja não prevalecerá. O que os outros dizem será ouvido e o que você disser será contado como nada. Será concedido aos outros o que eles pedirem e será recusado a você o que você pedir. Dos outros se falará com grande estima e não se dirá nada de você. Os outros serão empregados em diversas coisas, mas você não será julgado bom para nada. Algumas vezes a natureza o afligirá, mas isto lhe dará muitos frutos se você suportar em silêncio. É com estas coisas e com muitas outras semelhantes que o Senhor tem costume de provar um servidor fiel, para que ele possa renunciar a si mesmo e romper com sua vontade em tudo*.

[85] João 17: 21.

ele quer e porque ele quer, nossa vontade se encontra, em todo sentido, uniforme com a de Deus.

Isto não é tudo, pois há novos degraus a galgar, antes que se chegue ao que os místicos chamam de deiformidade, que não é outra coisa além da vontade totalmente transformada na vontade de Deus. Esta é a transformação mencionada por Jesus Cristo na mesma passagem: *Para que todos sejam um* e que ele nos fez pedir todos os dias nestas palavras da Oração do Senhor: *Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu*[86], pois, preste atenção, no céu não há somente conformidade e uniformidade com Deus, mas uma verdadeira deiformidade, que é muito mais perfeita ainda do que aquela dos santos neste mundo e do que a de São Paulo, quando diz: *Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim*[87].

Você ficará surpreso quando ouvir uma Santa Tereza, instruída somente na Escola do Espírito Santo, que depois de ter falado das uniões mais sublimes na alta contemplação, termina com estas palavras: "De todas as uniões, a mais preciosa, a mais desejável, em minha opinião, é a união da vontade".

[86] Mateus 6: 10.
[87] Gálatas 2: 20.

É com o mesmo sentimento que São Francisco de Sales clama sobre a oração: “O cúmulo do êxtase amoroso é não ter sua vontade em seu contentamento, mas no de Deus”[88].

P. Sendo assim, aconteça o que acontecer durante a oração, só resta permanecer firme, em uma inteira conformidade com todas as vontades permissivas de Deus. Por que então tanta gente, mesmo as espirituais, se deixa perturbar, preocupar e saem dela muitas vezes desgostosas, desencorajadas e fortemente tentadas a abandonar sua prática?

R. Talvez porque ignorem que é impossível fazer a oração sem a paz, porque a perturbação e a inquietude durante ou mesmo após a oração fazem com que sejam perdidos seus frutos, sendo que um dos principais é a pacificação do coração.

Talvez eles ignorem que se merece e que se avança à medida que se aprende com a prática a se unir a todas as vontades de Deus, sobretudo nas cruzes interiores que ferem mais vivamente o coração e nas partes mais delicadas.

[88] *Amour de Dieu*, livro. 6, cap. II.

Talvez, eles jamais aprenderam esta grande máxima: “Avança-se mais padecendo do que agindo”, porque, além do fato de que é mais penoso padecer do que agir, age-se quase sempre segundo a própria vontade e padece-se segundo a vontade de Deus.

Talvez porque, com outros fazendo falsas ideias da oração, bem como da devoção, eles colocam tudo no sensorial, não pensando jamais em fazer bem a oração e só tendo devoção na medida em que se sentem comovidos ou tocados ou que eles podem fazer à vontade muitos atos sensoriais.

Não aprenderam nunca a buscar Deus com simplicidade do coração, somente com a correção do coração, com espírito puro, na fé pura, pois, segundo São Paulo: *Andamos*, pelos caminhos de Deus, *na fé e não na visão*[89].

Talvez, enfim, muitos, sob o pretexto de que só possuem boas intenções e outros, as visões dos bens espirituais, as graças de Deus na oração, busquem ainda muito eles mesmos, querendo fazer tudo e obter tudo segundo a própria vontade, no tempo e na maneira que eles querem, como se somente a vontade de Deus não devesse ser a

[89] 2 Coríntios 5: 7.

única regra dos nossos bons propósitos e das nossas buscas mais santas.

P. Mas, como você pode desejar que se faça a oração em grande paz e que se saia dela bem contente, quando, só tendo em vista nela a salvação e a perfeição, não se faz nada do que se quer e não se obtém nada do que se pede?

R. Ah, como a relação com Deus é diferente da relação com as pessoas![90]

Se, depois da perseverança, das preces, das solicitações mais ávidas, não se consegue obter nada, retira-se muito descontente e, em certo sentido, se tem razão em estar assim, porque se retira com as mãos vazias. Mas, ao se lidar com Deus, jamais dependerá de mim estar em paz e me retirar sempre contente e há uma grande razão para ser assim. Por quê?

Porque, se eu quiser, eu ganho sempre e jamais saio de mãos vazias, mas sempre cheias. Como?

Se eu concordar com suas próprias recusas, as suas recusas aparentes. Se eu transformar em prazer me ver recusado quando ele quer me fazer humilde e me mortifi-

[90] Cf. Santo Agostinho. *Carta 031*, § 01: *Como o Senhor é bom ao não nos conceder, muitas vezes, o que queremos, para nos conceder o que mais amamos!*
O ilustre Doutor tira um exemplo de sua própria vida. Enganando sua mãe, Santa Mônica, ele planejou em segredo ir à Itália. Sua mãe suspeitou deste plano e inplorou ao Senhor, em lágrimas, que impedisse esta viagem. *Mas vós, de visão infinitamente mais ampla, entendendo o intuito de seu desejo, não atendeste ao que ela então vos pedia, para fazer em mim aquilo que sempre vos pedia*, disse o Santo ao Senhor (*Confissões*. Livro V, cap. VIII).

car em sua presença, de sorte que seu divino contentamento é sempre o meu, já que, em tudo e por tudo, eu só desejo seu beneplácito, até o ponto de transformar em um contentamento reflexivo o meu próprio descontentamento todas as vezes em que ele faz o contentamento do meu Deus.

Esta é, precisamente, a conduta que, não digo que tenham, mas que simulam os mais hábeis cortesãos dos soberanos da terra. Por que então não tê-la com relação a Deus?

Depois então de ter feito racionalmente o que posso e, sobretudo, de seguir os conselhos do meu diretor, longe de me perturbar, de me preocupar com o pouco sucesso aparente em minhas orações, eu quero tratar de fazer, em todo meu prazer, o bom prazer de Deus. Todo o resto fora isto não passando de amor-próprio e fútil busca de mim mesmo.

Longe de me desencorajar, de me considerar pobre e miserável, depois das orações tão mal sucedidas aparentemente, eu quero me considerar tão mais rico perante Deus quanto mais eu tiver renunciado às minhas vontades para agradar as dele.

É assim, de fato, ó meu Deus, que me enriquecerei pouco a pouco, que me revestirei com o que há de mais precioso em vossos tesouros, de mais agradável aos vossos olhos, ou seja, com a contínua e mais humilde e mais desinteressada submissão de espírito e de coração às vossas adoráveis vontades, às custas das minhas, apesar das minhas, que eu sacrifico antecipadamente, colocando-as aos pés do vosso trono, *com Jesus Cristo e em Jesus Cristo*, segundo as palavras que vossa santa Esposa coloca na boca dos vossos ministros no sagrado Cânon da Missa: *Por Cristo, com Cristo e em Cristo*.

P. Você não teria alguns outros conselhos ou esclarecimentos para dar às pessoas avançadas?

R. Como eles nos levariam muito longe, vamos reservá-los para a conversa seguinte.

Diálogo VIII – Sobre o vazio do espírito, as impotências que se seguem e as revoltas extraordinárias das paixões.

P. O que é chamado de vazio do espírito?

R. Como a própria expressão dá a entender, trata-se de um espírito vazio, ao que parece, de todos os pensamentos de Deus e, muitas vezes, do mundo.

Você deve saber que, quando Deus, para fazer humilde e purificar uma alma, desapegá-la e avançá-la, a mantém neste estado passageiro, parece que ela caiu em uma espécie de estupidez ou idiotice, daí se falar em uma incapacidade para se ocupar com Deus ou qualquer outra coisa boa.

P. Quais são as consequências deste estado?

R. Quando se quer refletir ou pensar em coisas boas, o espírito se afasta, se perde não sei para onde e fica todo atordoado. Se há o desejo em se dedicar à prece, todos os atos ordinários se tornam impossíveis, mal se sentindo o desejo de fazê-los, mas sem poder. Se há o desejo de voltar-se para si mesmo, não se acha a entrada. Acha-se assim como que *banido, abandonado em uma terra inimiga*[91] e *exilado, andando na região da sombra da morte*[92], nas expressões do autor de **A imitação de Cristo**.

Por fim, se há o desejo de se ocupar com uma pia leitura, logo se experimenta o que Santa Tereza d'Ávila experimentou em muitas ocasiões. “Eu lia e relia várias

[91] Livro III, cap. 14, § 03.
[92] Livro III, cap. 59, § 04.

vezes o mesmo trecho de um livro sem compreender nada, como se ele tivesse sido escrito em grego ou hebraico”[93], ela diz.

Mas, o que piora esta pesada e humilhante cruz é a triste comparação com os estados precedentes, tão diferentes deste, em que se vê como que suspenso entre o céu e a terra, não recebendo nenhuma consolação nem de um e nem da outra, não encontrando nenhum apoio externo e nem interno.

P. Não se trata, talvez, de um furioso acesso de melancolia ou de estupidez natural?

R. De forma alguma, já que, por um lado, isto acontece da mesma maneira para as pessoas mais superficiais quanto para as mais espirituais e, por outro lado, durante esta triste situação, por um efeito singular da Providência, algumas dessas mesmas pessoas, muito estúpidas propriamente, aparecem comumente, no exterior, totalmente diferentes do que são no interior, falando, respondendo bem a todo tipo de assunto, raciocinando muito bem quando é preciso, até mesmo escrevendo quando necessário, sobre as coisas de Deus, com uma facilidade que surpreende até mesmo elas, como aconteceu, entre

[93] *Vie*. cap. 3, pag. 185.

muitos outros, com a venerável Madre de Chantal, encarregada de uma numerosa comunidade e de responder por todas as filhas da sua ordem durante uma tão deplorável situação, que lhe durou vários anos e em um grau de incapacidade tão terrível que, não podendo praticar nenhum ato perceptível de devoção, ela se acreditou sem fé, sem esperança, sem amor e sem religião, o que a jogou em um estado de sofrimento e de confusão tão menos suportável quanto mais ela estimava a virtude e mais ela tinha violentos desejos de praticá-la.

P. Nessas ocasiões, com o que se ocupam interiormente as pessoas que passam por esta rude provação?

R. Embora, em consequência dos diversos graus de trevas e impotências, possamos incluí-los em classes diferentes, eu digo, no entanto, sem nenhuma distinção, que elas estão todas quase continuamente ocupadas com Deus, cada uma à sua maneira. Não, na verdade, através de atos refletidos e comuns, mas através de simples atos diretos ou, o que é o mesmo, através somente da disposição atual de seus corações. Mas não percebido ou tão confusamente que é isso que une tanto seu mérito quanto seu martírio, sem ter a consolação de sabê-lo.

P. Com que sinais ou marcas se pode saber que estão assim quase continuamente ocupadas com Deus?

R. Porque, por um lado, se sabe que há muito tempo suas vontades estão fixadas em Deus e, por outro, o Bispo de Meaux[94] nos disse, como os místicos, que *uma vontade fixada em Deus produz uma sucessão de bons impulsos e que isto é chamado, nesta vida, de prece contínua* e, por consequência, é uma ocupação contínua com Deus.

P. Sobre que princípio está apoiada esta opinião do Bispo de Meaux e dos místicos?

R. Sobre estas palavras de Jesus Cristo: *Onde está o teu tesouro, lá também está teu coração*[95]. Sem dúvida, através de seus simples impulsos, sentimentos e afeições deliberadas, que são verdadeiramente atos da vontade, embora as pessoas comuns não os reconheçam como tais.

P. Mas, se essas boas almas, em consequência de suas vontades fixadas em Deus, onde elas colocaram seu tesouros, se elas experimentam efetivamente essa sucessão de bons impulsos, elas se aperceberão deles, ao menos quando se falasse deles.

R. De forma alguma para a pessoa comum. Por quê?

[94] Instructions, pag. 222.
[95] Mateus 6: 21 e Lucas 12: 34.

Porque além desses atos lhes escaparem, por causa de sua própria simplicidade, eles se tornariam ainda mais imperceptíveis a eles durante a perturbação interior das provações, disse também o Bispo de Meaux[96]; prelado que, aliás, como se sabe, é o menos suspeito do mundo, sobre todos os pontos que parecem ter alguma semelhança com o quietismo.

P. Mas, se essas boas almas, longe de experimentarem nelas essa sucessão de bons impulsos, lhe assegurassem do contrário?

R. Elas também o fazem muito frequentemente, com dor no coração e lágrimas nos olhos, mas o diretor continua mais convencido ainda de que elas se enganam.

P. Mas que provas pode ter então o diretor contra a opinião e a própria consciência das pessoas interessadas?

R. Provas tão seguras quanto devem e podem ser. São as próprias lágrimas e a dor. Em outros, serão certas aberturas do coração ou palavras escapadas que mostram certamente a disposição dominante do coração e fazem também conhecer as consequências e os efeitos, pois, não é verdade que, quando um diretor uma vez conheceu a paixão dominante de um mundano, através dos pecados

[96] *Instructions*, pag. 248.

declarados e perceptíveis, ele percebe logo outro abismo impenetrável de pecados escondidos e desconhecidos, cometidos no interior, quase continuamente e sem uma reflexão expressa, através dos simples e contínuos impulsos deliberados da paixão que o domina.

Da mesma forma, quando, através de certas aberturas do coração, o diretor uma vez ficou sabendo bem que a pessoa não deseja agradar nada tanto quanto agradar a Deus, que ela não teme nada tanto quanto desagradá-lo, que a única dúvida ou o único medo nesta matéria a crucifica, ele percebe logo, nesta disposição dominante, o que os místicos, o que o Bispo de Meaux e os outros bispos chamam de prece contínua.

Foi por isto que eles redigiram em Issy o Artigo XIX, que diz: *A oração perpétua não consiste em um ato perpétuo e único, mas em uma disposição e preparação habitual e perpétua a não fazer nada que desagrade a Deus e em fazer tudo o que lhe agrade*[97].

Com isto, lhe será fácil compreender bem porque todos os livros e todos os pregadores nos dizem que, para a salvação e a perfeição, tudo consiste na boa vontade e na correção do coração para com Deus. Porque o Profeta

[97] Instructions, pag. 393.

clamou: *Oh, como Deus é bom para os corações retos!*[98] Porque *a multidão do exército celeste* dá a *paz* de Jesus Cristo *às pessoas de boa vontade*[99]. Porque Santo Agostinho disse que *o ardor do amor*, que é o que consiste uma boa vontade, *é o grito do coração*[100], ou seja, o fervor da prece do coração. Porque, enfim, a Igreja canta estas palavras: "Ó Deus, a quem todo coração está aberto"[101]. Com quem se trata e com quem se fala somente com a vontade.

P. Para uma instrução maior sobre este ponto tão importante e tão consolador, você não poderia me dizer, mais ou menos, sobre que aberturas do coração e sobre quais discursos um diretor pode adquirir um conhecimento moralmente correto sobre essa disposição e preparação habitual e perpétua, que não é outra além da vontade fixada em Deus, como último fim?

R. As pessoas de quem tratamos falam muito diferentemente, segundo o grau de trevas e impotências que elas experimentam. Parece-me, no entanto, que se podem reduzir todos a três diferentes classes.

P. Como se explicam as primeiras?

---

[98] Salmo 72: 1.
[99] Lucas 2: 13 e 14.
[100] Sermão sobre o Salmo 037, cap. 14. *Flagrantia caritatis clamor cordis*.
[101] *Deus cui omne cor patet et omnis voluntas loquitur*.

R. É muito triste __ elas dizem __ e muito doloroso passar o tempo da oração e os dias inteiros sem poder rezar e nem elevar o coração a Deus, nem se recolher no momento, nem se fixar em nada de bom. Por muito que se deseje, que se tente, que se estimule, tudo é inútil e tempo perdido.

Sobre isto, os vemos se lamentarem como pobres reduzidos à ultima miséria. Os mundanos, as gentes dissipadas, os tíbios, até mesmo os devotos comuns alguma vez fazem tais queixas e sentem no interior tais dores?

Como pode ser então que, de um grande fundo de boa vontade fixada em Deus e totalmente cheio de bons desejos, se fique desolado por não poder fazer o comum?

Talvez porque se esteja assim privado da doce satisfação dos atos refletidos, percebidos e sensíveis.

Que essas pessoas se façam humildes então por todas essas imperfeições do amor-próprio das quais Deus procura curá-las. Por fim, que elas permaneçam em paz e contentes. Em paz, porque, independentemente de toda expressão dos atos perceptíveis, Deus vê tudo no fundo mais íntimo do coração. Contentes, porque seu próprio descontentamento faz o contentamento e o beneplácito de Deus.

P. Como se explicam as outras?

R. Que o estado humilhante e tão crucificante de estupidez, de trevas e de impotência não é, no entanto, o que os desola, mas somente o medo de estar abandonado por Deus e de talvez ter contribuído para isto com alguma infidelidade escondida. Esta é uma desoladora reflexão que os ocupa e os crucifica incessantemente.

Ora, você vê bem o princípio de onde partem tais sentimentos. Que elas permaneçam então em paz e contentes. Em paz, porque Deus vê tudo e na desolação do seu medo filial e nesses desejos impotentes, escondidos e sepultados no fundo do coração, sem poder jamais eclodir, a não ser por alguns suspiros que escapam. Contentes por estarem sob a vontade do Esposo celeste, embora elas não estejam ainda enfeitadas e ornamentadas segundo a vontade dele, mas, invés disto, disformes aos seus olhos e, por isto mesmo, tão mais agradáveis aos olhos de Deus quanto menos a elas mesmas, na expressão de Santo Agostinho.

P. O que dizem, por fim, as últimas?

R. Que seu estado se torna sempre pior, que não há mais meio de ele durar, que todo apoio, todo recurso começa a faltar, já que não resta mais nada de seus primei-

ros sentimentos, só encontrando neles insensibilidade, endurecimento, horror pelas coisas santas, impulsos de desprezo, de revolta, de raiva, de blasfêmia, sem nem mesmo poder fazer sobre nada disto suas confissões ordinárias, nem sequer nenhum ato de submissão e de abandono, de onde nasce um desespero que lhes dilacera as entranhas.

Ei-los então totalmente desesperados por terem perdido aparentemente até os preciosos restos de bons sentimentos que Deus ainda havia deixado. Ei-los então em uma provação interior próxima da de Jó. Que, como ele, elas permaneçam nela, em paz e contentes.

Em paz, porque todos os sentimentos de desespero assim não passam de gritos violentos que sobem até o céu e tão mais tocantes para um Deus que os ouve, quanto mais eles são profundos e mais impenetráveis ao coração que os lança. Contentes, porque, como disse o Bispo de Meaux, *os sentimentos de devoção não se perdem de forma alguma nessas terríveis provações; eles só fazem desaparecer de toda percepção, se esconder no fundo da alma, se envolverem frequentemente em seus contrários,*

se depurarem, se fortificarem, para saírem em seguida com um novo vigor[102].

Por que também contentes?

Porque, segundo São Francisco de Sales e os outros místicos, *todos os seus antigos sentimentos de devoção escondidos então e como que expulsos de tudo o que é sensorial se retiram para os mais altos pontos do espírito, de onde se governa todo o interior*[103].

P. É mesmo possível que as mais santificantes operações da graça aconteçam assim?

R. Que melhor garantia eu posso lhe dar do que o Bispo de Meaux, quando ele disse[104] que os sentimentos da mais perfeita submissão se conservam em uma espécie de levante contra Deus; que os sentimentos de esperança que pareciam extintos só fazem se fortalecer se concentrando internamente; que, quanto mais se é levado ao desespero, mais a esperança cresce e que o amor se esconde sob censuras amargas e, algumas vezes mesmo[105], *sob as aparências das blasfêmias que, no fundo, não passam de um amor magoado e ultrajado pelo desprezo aparente de um amante que parece ter nos deixado*

[102] Instructions pag. 420.
[103] *Idem*, *ibidem*.
[104] *Idem*, pag. 415.
[105] *Idem*, pag. 418.

(Deus); que todas as fúrias aparentes de uma alma levada assim ao limite só partem do violento arrependimento que é carregado em seu seio por se ver, como se pensa, rejeitado por Deus, abandonado por Deus, como você pôde observar no relato do Bispo de Meaux[106] sobre a bem-aventurada Ângela Foligni, quando, em tais casos e em tais transportes, ela clamava: "Senhor, se deveis me jogar no inferno, não adieis mais, apressai-vos e, já que me abandonastes, terminai de me jogar no abismo!"

É isto o que os místicos chamam de desespero de amor ou amor desesperado, que o amor profano, com seus furiosos e cegos transportes, fornecem muitos exemplos marcantes que podem, todavia, servir para nos tornar mais críveis os divinos excessos de um amor mais forte do que a morte e em que o ciúme pela glória de Deus é mais duro do que o inferno e não cede aos seus suplícios, diz o Espírito Santo no Cântico[107] sagrado.

Ó meu Deus! Como sois admiráveis em vossos santos! Como vossa conduta sobre eles é profunda e impenetrável! Como Autor da natureza, bem como da graça, sem nada destruir, vós transformais tudo, já que, ao nos fazer mudar de objeto, vós nos santificais com nossas próprias

[106] *Idem*, pag. 341.
[107] Cf. Cântico 8: 6. *O amor é forte como a morte, a paixão é violenta como o cheol*.

paixões, utilizando seus impulsos mais naturais como tantos degraus para nos elevar ao mais perfeito amor.

Mas também, que admirável miséria de nossa parte, já que ela vos coloca em uma espécie de necessidade de exercer vossas mais maravilhosas operações como em segredo e sem nosso conhecimento, no meio das trevas de nossas paixões revoltadas, para que, invés dessas vãs complacências que mancharão vossas divinas operações, a humildade de nossos sentimentos sirva para conservá-las em toda sua pureza.

P. Mas, se as tentações mais criminosas e as mais fortes vierem se juntar a essas impotências desesperadas, o que devem fazer essas almas durante esse recrudescimento da provação?

R. Duas coisas, principalmente.

P. Qual é a primeira?

R. Convencer-se de que tudo o que se sofre, independente de si mesmo, não é pecado, mas, pelo contrário, uma fonte de mérito, de purificação e de avanço, porque o coração agitado por sacudidas violentas e reiteradas, ao se manter firme por amor ou por temor, se enraíza mais em ambos. Assim, todos os nossos mestres nos ensinam

que a virtude só se torna sólida na medida em que ela passa por rudes provações.

O que faz aquele que não sofreu nada? O que faz aquele que não foi tentado?

Isto foi o que Deus fez São Paulo compreender muito bem, quando, após ter pedido insistentemente por três vezes que fosse libertado de uma tentação, cujos esforços lhe pareciam tão violentos e tão humilhantes que eles os chamou de bofetadas, Jesus Cristo lhe respondeu: *Basta-te minha graça, porque é na fraqueza que a virtude se aperfeiçoa*[108].

É preciso saber ainda que, quanto mais as tentações são extraordinárias, diabólicas, bizarras ou extravagantes, sejam propriamente ou com relação ao caráter, ao estado, à educação das pessoas, mais se deve se encorajar e se confiar em Deus. Por quê?

Porque assim suas vontades permissivas são mais especialmente marcadas, como quando se permite algumas vezes que as almas mais santas caiam no que é chamado de as tentações do demônio, cujo nome já diz tudo, sem muito dizer àqueles que não a entendem.

P. Qual é a segunda coisa que se deve fazer?

[108] 2 Coríntios 12: 9.

R. Com o espírito assim esclarecido, é preciso que o coração se abandone com uma coragem heroica e uma confiança inabalável a tudo o que Deus quiser, exceto o pecado, que não pode jamais ser do seu agrado.

P. Mas a tentação leva ao pecado; como então é possível se abandonar a ela?

R. É preciso distinguir três coisas, sobretudo, nas tentações de que falamos: o perigo do pecado, o excessivo sofrimento do coração e a grande humilhação do espírito.

Quanto ao pecado; é preciso odiá-lo, detestá-lo soberanamente, pedir a libertação dele, juntamente com a libertação de todo consentimento para a tentação. Mas, quanto ao sofrimento, quanto à dilaceração do coração, ao martírio do coração; quanto à abjeção, à confusão interior que corrói a si mesmo, é preciso se abandonar ao beneplácito de Deus, sem fim, sem limites, na maneira e por todo o tempo que ele bem quiser. Por quê?

Porque as maiores tentações sem o mais leve consentimento são grandes graças. Porque todas as santas almas que Deus fez passar por este caminho só lhe pediram (até mesmo São Paulo, instruído por Jesus Cristo) a libertação de qualquer consentimento para o mal e jamais do que purifica o coração, crucificando nele o amor-

próprio e jamais do que humilha o orgulho do espírito, enchendo-o de confusão.

P. O que pensam os espirituais sobre essas condutas de Deus para com as almas?

R. Que, sendo o Soberano Senhor, ele faz tudo o que resolveu em seu conselho eterno, sem que ninguém possa lhe perguntar porque ele faz assim. Eles acrescentam ainda que, como sua justiça demanda de nós paixões tão caras que se tornam nossos próprios carrascos, que todas as satisfações voluntárias de um coração criminoso nele se transformem em amarguras, é também de sua sábia bondade que nós jamais sejamos bem curados de nossos vícios antes de termos experimentado centenas de vezes, a este respeito, nossa miséria, nossa fraqueza, nossa impotência, para que somente Deus tenha com isto sua glória e que ninguém possa jamais se glorificar além dele, sobretudo da mais importante vitória.

Aqueles que precisarem ser melhor instruídos sobre esta matéria, só precisam ler: 1) No **Os progressos da vida espiritual segundo os diferentes estados da alma,** do Pe. François Guilloré (SJ), o capítulo que trata dos excessos das tentações; 2) nas obras do Grande Arquidiácono d'Evreux, o santo homem Dom Boudon, os

capítulos que visam as penas interiores n'**Os caminhos da cruz**, livro, na verdade, muito negligenciado pelo estilo, mas também repleto do espírito de Deus e da unção de sua graça; 3) nas obras do Pe. Surin, os capítulos sobre as provações, que estão no primeiro tomo do seu novo **Catecismo Espiritual**, quase todo semelhante ao antigo, aprovado pelo Bispo de Meaux e que, sobre o ponto em questão, deu um gloriosíssimo testemunho, dizendo: "Este autor falou divinamente sobre as provações, após tê-las experimentado"[109].

Diálogo IX – Sobre os conselhos às pessoas que fizeram grandes progressos.

P. Do que se tratam esses conselhos ou esclarecimentos?

R. Sobre três coisas: 1) sobre as novas purificações do coração, através de novos desapegos; 2) sobre as novas provações, que produzem novos desapegos; 3) sobre o estado das almas que chegaram a uma grande purificação e, por consequência, a uma grande união com o Deus de toda pureza.

[109] *Traité* pag. 176.

P. Por que são necessárias sempre novas purificações? Não se pode chegar a um estado em que não se precise mais delas?

R. Seria um erro acreditar nisto. Todo o tempo de nossa peregrinação é um tempo de combate e purificações. Nossa vida só será perfeita no céu ou ao fim da passagem, que é o último momento nesta vida.

P. Como acontecem então essas novas purificações, que devem crescer sempre?

R. É através de novos desapegos, pois o coração humano se mancha incessantemente com todos os seus apegos fora de Deus.

P. Mas, se essas almas de quem você fala são tão desapegadas de tudo, elas não amam somente a Deus e só aspiram por Deus?

R. Mas, ao amarem Deus, ao só aspirarem, pelo que parece, por Deus, não se pode ter ainda alguns apegos, não grosseiros e nem muito notáveis, mas muito delicados e totalmente espirituais, já que nossa natureza é tão universalmente corrompida que ela corrompe até as coisas mais santas? Ou melhor, com elas, ela se corrompe, ela se macula através de um verdadeiro apego de um co-

ração que, sendo feito somente para Deus, só deveria amar a Deus ou tudo com relação a Deus.

P. Você poderia desenvolver um pouco mais este seu pensamento?

R. Você deve saber que as forças sempre renascentes do amor-próprio, que nasceram conosco, são tais que, mal nos desapegamos de um bem e logo nos apegamos a outro com o mesmo ardor e, sem mudar seu fundamento infeliz, quase sempre só se faz mudar de objeto, transportando os afetos naturais dos bens temporais para os bens espirituais, amando-os, geralmente, com relação a si mesmo, muito mais do que com relação a Deus.

Ora, este apego é tão mais nocivo que, aparentemente não tendo nada que não seja louvável e santo, o coração se entrega a ele sem combate, sem desconfiança e mesmo com uma avidez e uma ansiedade às quais se entrega de bom grado, porque visto como um verdadeiro zelo pela salvação e a perfeição.

No entanto, esse zelo vivo e ansioso do apego pelas coisas santas brota muito frequentemente do mesmo fundo que é visto no apego dos mundanos pelas coisas profanas.

De fato, quantas pessoas você não vê tão apegadas às suas próprias vontades em todas as suas práticas devocionais, tão ciumentas de suas menores consolações espirituais, sejam interiores ou exteriores que, se Deus permite, a este respeito, os mais leves contratempos, elas ficam logo tão perturbadas, tão preocupadas e chateadas, parecendo mesmo de muito mau humor, quanto os mundanos em tudo o que perturba seus prazeres e seus divertimentos?

Há mesmo nesta matéria outros apegos mais profundos e mais delicados que produzem efeitos muito ruins, cujos detalhes o surpreenderiam.

P. Eu lhe peço que me mostre ao menos alguma coisa sobre isto.

R. Como o amor-próprio, em toda parte onde ele entra com um verdadeiro apego, ali ele faz se insinuarem todos os diversos impulsos de suas paixões, assim, observamos, dizem os místicos, em muitas pessoas, uma ambição espiritual, avarezas espirituais, sensualidades espirituais e mil outros sentimentos descontrolados deste amor-próprio que se apega a tudo, que se apropria de tudo, daí ser chamado verdadeiramente de amor-próprio.

Por isto, o Bispo de Meaux, ao falar do desapego espiritual, não teve dificuldade em dizer, como São Francisco de Sales, *que é preciso se livrar até mesmo do gosto humano e soberbo pelas virtudes, mas para assumi-las depois, não mais porque elas nos são agradáveis, úteis, honrosas e próprias para contentar o amor por nós mesmos, mas porque elas são agradáveis a Deus, úteis à honra dele e destinadas à glória dele*[110].

P. Por que então vemos espirituais se escandalizarem ao ouvirem dizer que é preciso se desapegar de tudo o que há de espiritual e de divino mesmo, assim como o que há de humano?

R. É que eles jamais compreenderam bem o livrinho da **Imitação**, que diz isto ou insinua em muitas passagens[111] e que tem mesmo vários capítulos inteiros sobre

[110] Instructions pag. 290.

[111] Ver, entre outras passagens, o cap. 25, do Livro III: *Não considere ter encontrado a verdadeira paz quando você não experimenta nenhuma dificuldade, nem que tudo esteja bem quando ninguém se opõe a você, nem que sua felicidade seja perfeita, quando tudo acontece segundo seus desejos. Não vá também se acreditar elevado perante Deus e particularmente querido por ele quando você sentir em você uma grande devoção e grandes doçuras espirituais.*
Não é com estes sinais que se reconhece o verdadeiro amante da virtude e não é nisto que consiste o progresso e a perfeição humana.
No que eles consistem então, Senhor?
Em se oferecer com todo seu coração à minha divina vontade, sem buscar seus interesses nas pequenas coisas nem nas grandes, nem no tempo e nem na eternidade, de sorte que, em uma santa indiferença por tudo, você permanecerá na ação de graças, tanto nas adversidades quanto nas prosperidades, se mantendo, tanto em umas como nas outras, em um perfeito equilíbrio.

esta morte mística, que não é outra coisa além do desapego total por si mesmo, para se apegar somente a Deus, através da fé pura e do espírito puro, amando tudo única ou principalmente com relação a ele.

P. É preciso pregar a todo mundo o desapego às coisas espirituais?

R. Só se prega este desapego às pessoas apegadas. Os mundanos, que, sobre este ponto, possuem disposições totalmente contrárias, sentem bem, nos livros que falam dele e nas pregações onde são ditas, de passagem, algumas palavras sobre ele, sentem muito bem que não é para eles que se fala e que as imperfeições daqueles que possuem tais apegos seriam para eles verdadeiras perfeições.

É por isto que no XXXIV e último Artigo de Issy está dito expressamente que: *os iniciantes e os perfeitos devem ser conduzidos cada um segundo sua caminhada,*

Se você demonstrar uma força de alma e uma longanimidade de esperança tal, que, privado de toda consolação interior, você prepara seu coração para sustentar as maiores provas e que, longe de justificar a você mesmo, como se não merecesse sofrer tanto, você adorasse minha justiça e minha santidade em todas as disposições em que eu coloco você, você percorrerá então o verdadeiro e reto caminho da paz e poderá esperar, com segurança, contemplar novamente minha "face com a alegria" (Jó 33: 26) da sua alma.
Se você chegar a um perfeito desprezo de você mesmo, saiba que desfrutará então da abundância da paz, na medida em que isto é possível neste exílio.

através de regras diferentes e que os últimos entendem mais claramente e mais à fundo as verdades cristãs[112].

Por fim, este desapego espiritual não é, de forma alguma, uma indiferença para com a salvação e para com os bens eternos, já que ele consiste precisamente em apenas se desapegar deles, na medida em que é preciso amá-los muito mais por Deus e porque ele assim o quer, do que por nosso próprio interesse.

P. Mas São Paulo não ordena a todos os cristãos que aspirem incessantemente pelos dons de Deus mais perfeitos, que trabalhem incessantemente para adquirir todas as virtudes, toda a santidade, aspirando aos mais altos postos no Reino Celeste?

R. Sem dúvida que ele faz tudo isto, mas segundo a ordem de Deus, apegando-se somente a ele, amando nada fora dele, mas tudo nele e por ele, sem jamais reportar nada, nem unicamente, nem principalmente a nós mesmos, já que ele quer e ele merece que o amemos mais do que a toda criação, seja humana, seja divina e mais que a nós mesmos, sem jamais deixarmos, no entanto, de nos amar, mas com um amor subordinado[113].

---

[112] *Instructions* pag. 397.

[113] *O puro amor que poderíamos imaginar desinteressado pelo nosso próprio bem não pode passar de uma ilusão. Mas, podemos nos desapegar de nós mesmos a ponto de nos amarmos em Deus e para Deus, de atribuir-lhe toda nossa felicidade e desejá-la para a sua glória, ou*

P. Mas este amor tão desapegado de nós mesmos, sem nenhuma relação com nós mesmos é o amor puro unicamente dos perfeitos?

R. Sim, quando se trata de um exercício certo, contínuo, habitual e dominante[114], responde o Bispo de Meaux. Mas, propriamente, é o amor comum a todos, pois não há duas espécies dele; a única diferença é o grau.

Ora, aqui está até onde e a que grau ele leva o desapego de todos os nossos interesses para os perfeitos. Ele diz: "*A obra da perfeição é se manter sempre em impulso, para incessantemente reportar* (ele não diz os bens espirituais, os meios de salvação) *a própria salvação, a nossa beatitude, à glória de Deus*[115]. É também o que ensinamos sempre na instrução sobre os estados da oração, guiados pelas palavras de São Paulo[116], que no faz reportar nossa salvação à glória de Deus e ao louvor de *sua maravilhosa graça*, ou seja, amar nossa salvação, nossa

---

seja, para honrar sua magnificicência nos seus próprios filhos (Bossuet. Avertissement, IV, pag. 234).
O que é misturado com o amor-próprio não é puro e nem perfeito (Tomás de Kempis. *A imitação de Cristo*. Cap. 49, § 02.

[114] Traité, Préface, pag, CXXI.

[115] Idem, pag. CXVII.

[116] Efésios 1: 5-8. *No seu amor nos predestinou para sermos adotados como filhos seus por Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua livre vontade, para fazer resplandecer a sua maravilhosa graça, que nos foi concedida por ele no Bem-amado. Neste Filho, pelo seu sangue, temos a Redenção, a remissão dos pecados, segundo as riquezas da sua graça que derramou profusamente sobre nós, em torrentes de sabedoria e de prudência*.

beatitude, muito mais para a glória de Deus e o louvor de sua graça do que pelo grande bem que obtemos com isto".

Após uma decisão assim, sobretudo da parte de um Bispo, o menos suspeito que jamais foi diante da falsa espiritualidade, a que bens espirituais todo cristão que aspira e que deve aspirar à perfeição, se acreditará permitido se apegar? Sobre que graças ou consolações ou favores de Deus ou boas obras se acreditará no direito de se permitir a menor reflexão de complacência, a menor recompensa ao amor-próprio, com tudo devendo ser atribuído a Deus, com tudo sendo amado com relação a ele, já que ele é absolutamente o fim último de tudo.

P. Mas, não há uma espiritualidade mais elevada ou ao menos um pouco mais refinada?

R. Nossos Bispos pensam diferentemente sobre isto, já que expressamente declararam no XVII artigo de Issy que *todas as recompensas que se tem sobre suas ações e sobre os dons recebidos ou como alimento ao amor-próprio ou por se ocupar muito consigo mesmo são reflexões más e perigosas*, o que não exclui, evidentemente, de nenhuma maneira, as reflexões necessárias ou saudáveis.

P. Sendo assim, quando Deus, numa verdade importante e muito pouco conhecida, vem iluminar particularmente as pessoas interiores de quem você fala, o que é que elas descobrem em suas ações, palavras, sentimentos, atos interiores?

R. Dizem elas que não é nada além de um abismo de miséria e de corrupção que se manifesta incessantemente através de más e perigosas recompensas a elas mesmas, tão naturais e quase tão frequentes quanto a respiração.

Deus, através de uma luz divina, faz dentro de nós o que fazem externamente os raios de sol, quando, vindo a atravessar o cristal de uma vidraça, eles nos fazem descobrir em todo lugar que eles atingem, um número incontável de átomos flutuantes que não se percebia antes.

Feliz então é aquele que Deus condescende iluminar assim sobre as misérias infinitas do interior. Ó, que ele seja logo curado do sutil veneno da presunção secreta e de toda fútil complacência por si mesmo! Que fundo de desconfiança e de humildade ele não encontrará nesse conhecimento experimental de um abismo impenetrável de corrupção que jamais se acreditaria carregar em seu íntimo!

P. O que faz Deus para purificar as boas almas desse amontoado imperceptível de corrupção e de apegos do amor-próprio disfarçado de espiritualidade?

R. Depois de tê-las feito conhecê-lo, o que já é um começo de cura; depois de tê-las deixado gemer por muito tempo sob esse peso humilhante, o que já é um começo de cura; ele as coloca em novas e mais terríveis provações, assim como se recoloca o ouro no cadinho para purificá-lo sempre mais. *Ele provou* seus eleitos *como ouro na fornalha e os acolheu como holocausto*[117].

Ele as faz passar, dizem também as Escrituras, pela água e pelo fogo de todo tipo de tribulação e de angústias interiores, de sorte que, dizem os místicos, assim como a reiteração dessas provações é a marca infalível das impurezas que ainda restam no coração, a grandeza dessas provações é também a marca ordinária das grandes purificações que Deus quer realizar na alma e, por consequência, do grau eminente de união e de santidade aonde ele pretende elevá-la.

P. Para tirar tão grandes frutos dessas novas provações, como é preciso suportá-las?

[117] Sabedoria 3: 6.

R. Quase como as primeiras: com um abandono sem reservas, já que quando se tem reservas para com Deus, ele interrompe o fluxo de suas graças e de suas divinas operações; com uma inteira confiança em Deus apenas, já que, quando se vai buscar consolações ou apoio em outro lugar, essa nova busca do amor-próprio prolonga as provações e exige novas.

P. Qual é o principal e o mais perceptível efeito dessas novas purificações realizadas pelo novo desapego a todos os nossos interesses mais disfarçados e mais espiritualizados?

R. É o desinteresse do amor perfeito, que nos livra da escravidão do amor-próprio, de suas angustiantes preocupações, de suas perturbações dolorosas, de seus medos sem fim, sobretudo os que visam nossos maiores interesses: a salvação da alma, seu avanço, seu progresso, sua beatitude eterna, porque, ao não buscá-los mais dali por diante, única ou principalmente e apenas a santa vontade de Deus, entregamos a ele generosamente todo o sucesso.

Ora, é somente neste estado de abandono total, diz o Bispo de Meaux, que se encontra em Deus a inteira paz do coração, com a segurança da salvação. Por quê?

Porque é somente se colocando em mãos tão seguras que se pode ter segurança. Sendo nossa vontade somente fraqueza e inconstância, é uma necessidade colocá-la na de Deus, que é firme, inabalável e onipotente[118].

Daí vem que as almas dessa entrega, desse abandono, consideram como uma das maiores graças de Deus terem enfim lhe entregado todos os seus interesses espirituais e eternos, assim como os temporais, sentindo muito bem, dizem elas, em que perigo extremo estaria a salvação delas, se Deus deixasse com elas seu principal cuidado e seu sucesso.

É infinitamente melhor então que isto esteja nas mãos dele e que a obra da salvação dependa especialmente dele do que da minha miserável vontade, do que da minha fraca liberdade, que só possuem o que me fazer temer e que teriam do que me fazer desesperar, se elas não estivessem bem apoiadas e constantemente sustentadas pela firme confiança na vontade de Deus.

Ó meu Deus! Como vossas divinas perfeições estão admiravelmente de acordo entre elas e com vossos verdadeiros interesses, pois, se, de um lado, vosso soberano domínio sobre todas as vossas criaturas exige que nos

[118] *Instruction*. Pag. 4 e 3.

abandone cegamente a tudo o que vos agrada fazer de nós, seja no tempo, seja na eternidade, por outro lado, vossa soberana bondade faz com que encontremos constantemente em nós e com uma santa segurança, tudo o que, por respeito e por confiança, soubemos vos abandonar.

P. Depois dessa heroica renúncia a si mesmo e este inteiro abandono a Deus, não há, sem dúvida, mais nada a ser aperfeiçoado, pois, que nova renúncia haveria para ser feita e que outro apego haveria para ser sacrificado?

R. O mais delicado, o mais contínuo, o menos conhecido e o que é mais caro ao coração ainda permanece. Trata-se do que os místicos chamam de apego ao emprego proprietário das forças.

P. Explique-me primeiro esta frase mística, já que, em todas as ciências, sempre se começa pela explicação dos termos utilizados.

R. Sendo as forças da alma __ como você sabe, os três talentos recebidos de Deus: a mente, a memória e a vontade __ somente para serem empregados em sua honra e, sobretudo, da maneira que agrade a Deus, o apego ao seu emprego proprietário consiste, na verdade, em jamais querer empregá-las para Deus, mas sempre se-

gundo nosso próprio sentido, segundo nossa própria vontade, segundo nosso próprio gosto, invés de ser no de Deus.

Assim é, com relação a essas boas almas, o espírito de propriedade: sua verdadeira independência até nos usos mais santos das forças já consagradas a Deus, totalmente devotadas a Deus, mas, na substância e não na maneira. Ora, Deus quer tudo, assim como ele merece tudo.

P. De onde pode vir uma reserva tão pequena em tão grandes sacrifícios?

R. Pode-se compreender bem o princípio disto, conhecendo à fundo o coração humano, mas não se conhecerá jamais a extrema e contínua dificuldade desta última renúncia sem tê-la experimentado muitas vezes.

Você deve então saber que o amor-próprio, ao não temer nada tanto quanto sua destruição total e querendo sempre viver um pouco por ele mesmo, ele sempre corta o que pode dos sacrifícios que ele faz a Deus, usando continuamente com ele de mil pequenas reservas, onde ele possa encontrar seu alimento e sua vida, nisto encontrando alguma vantagem própria, ou melhor, que ele quer se apropriar, tudo pertencendo a Deus.

Mas o amor divino, que quer reinar sozinho no coração humano, não deixa de perseguir seu inimigo capital. Assim, esse amor ciumento, não contente em nos ter despojado de todo apego descontrolado ao uso próprio de nossas forças, através da contínua relação que ele exige ter com elas, ele quer ainda que a maneira atual de tudo lhe reportar só dependa da sua divina escolha, do seu puro espírito e de sua graça, através de uma contínua dependência, não apenas nos atos interiores de nossas forças, mas até na maneira de elas executarem esses atos, pois, muitas vezes, Deus os quer de uma maneira e nós, de outra.

P. Qual é então essa maneira e essa espécie de atos interiores que Deus demanda de certas almas e aquela que um resto de amor-próprio quer reter e se apropriar?

R. Deus quer, comumente, em seus progressos, um uso completamente diferente de suas forças do que o daquele do início. Assim, ele só lhes pede, comumente, uma simples, mas atual disposição de espírito e de coração para querer tudo o que ele quer e da maneira que ele quer. Mas, o resto de amor-próprio, pouco satisfeito com a simplicidade e a unidade desses atos diretos, frequentemente não percebidos ou percebidos muito confusa-

mente, quer incessantemente retornar às suas antigas maneiras de agir através dos atos refletidos, conhecidos e bastante perceptíveis, onde ele encontra um resto de satisfação própria que faz seu último recurso e do qual ele não quer se desprender jamais, porque este é o último apoio humano que pode sustentar este pequeno fio de vida próprio e natural, que é preciso, no entanto, perder, para só viver em Jesus Cristo uma vida nova, sobrenatural e totalmente divina.

Foi por esta razão que no Artigo XVII, já citado, nossos Bispos condenaram absolutamente, *como mau e perigoso todo ato refletido, todo retorno sobre si, por onde se busca alimentar o amor-próprio ou se constituir em um apoio humano*[119].

P. Pode-se saber por que Deus só quer, comumente, da parte das almas, essa simplicidade de atos?

R. A primeira razão que os místicos dão é porque a mais perfeita renúncia e a inteira morte para si mesmo está nessa simplicidade de atos. Daí vem também a extrema e contínua repugnância em se manter na oração quando ela é seca e sem gosto, porque então se sente como que arrancado de si mesmo, não se encontrando mais

[119] Instructions. Pag. 341.

nada do que faz a vida sensorial do espírito e do coração. Eu quero dizer: nem a doçura do simples recolhimento e nem a consolação dos atos refletidos e conhecidos, sobre o qual se apoiava antes. Assim, é raro se encontrar almas suficientemente mortas para elas mesmas, a ponto de não quererem outro apoio que não seja o próprio Deus, na obscuridade e na nudez da fé.

A segunda razão, eles acrescentam, é que, quanto menos uma alma se divide através da multiplicidade dos atos refletidos, mais, pelo contrário, ela se simplifica através da simplicidade dos atos diretos e quanto menos há uma desproporção entre elas e o ser único e simples de Deus, ao qual ela deve se unir, mais ela é despojada de tudo o que é sensorial (*o que é chamado de nudez do espírito e da fé*) e quanto mais ela se aproxima do puro espírito de Deus, mais, por consequência, sua união com ele é perfeita, porque então, entre Deus e ela, há menos espaço, como se diz e é precisamente então que se compreende perfeitamente todo o sentido desta frase mística do **Livro da Imitação**: *Deixe tudo e você encontrará tudo*[120].

[120] Tomás de Kempis. *A imitação de Cristo*. Livro III, cap. 32, § 01. Cf. Livro III, cap. 34, § 01: *Eis meu Deus e meu tudo! O que desejo mais e que felicidade maior eu posso desejar? Ó doce e arrebatadora palavra! Mas, para aquele que ama a Palavra eterna e não o mundo, nem as coisas do mundo. Meu Deus e meu tudo! Isto diz o suficiente àquele que compreende estas*

Se lhe restam ainda novas perguntas, reserve-as para a conversa seguinte, já que esta já está muito longa.

Diálogo X – Continuação do mesmo tema.

P. Do que você acaba de dizer sobre os grandes despojamentos da alma, de sua nudez espiritual, julgando somente pela aparência, não se acreditaria que, invés de avançar, se recua?

R. O erro mais comum e mais perigoso às almas sobre as quais falamos é acreditar que só se avança nos caminhos da perfeição na medida em que se adquire mais devoção perceptível, mais facilidade e atrativo por todas as práticas e para todos os atos ordinários da devoção e na medida em que se enriquece perceptivelmente com todos os tipos de graças, favores e dons do céu.

Eu admito que os progressos dos iniciantes acontecem comumente assim, mas os progressos das pessoas avançadas acontecem geralmente totalmente ao contrário. É através desta via de despojamento e de morte para

---

palavras e é doce àquele que ama repeti-las frequentemente. Tudo é doce, meu Deus, quando vós estais presente, mas quando estais ausente, todo nos desgosta. Vós tornais o coração tranquilo, derramando nele uma paz profunda e uma alegria feliz.

tudo o que é criado, ou seja, para tudo o que não é Deus, por mais divino que seja, aliás.

Para que essas almas não caiam jamais então em um funesto desencorajamento, por aquilo mesmo que deveria encorajá-las, elas devem saber que, com relação ao caminho delas, é quase sempre se empobrecendo aparentemente que se enriquece perante Deus, através da união que cresce com a pobreza em espírito e a nudez da fé.

"Foi esta perfeita pobreza em espírito que fez Davi dizer: *O pobre e o indigente louvarão o vosso nome*[121]", diz Cassiano, segundo o Bispo de Meaux[122].

Foi também neste mesmo sentido que o Bispo de Meaux[123], assim como vários Padres e grandes Doutores entenderam estas palavras de Jesus Cristo: *Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos céus!*[124]

P. Mas, viram-se e ainda são vistas tantas almas santas enriquecidas com graças, favores perceptíveis e, algumas vezes mesmo, com dons ainda mais deslumbrantes.

---

[121] Salmo 073: 21. *Pauper et inops laudabunt nomen tuum*.
[122] *Instructions*, pag,. 154.
[123] *Instructions*, pag,. 152.
[124] Mateus 5: 3.

R. Sem dúvida, isto aconteceu depois que passaram por todos os graus de despojamento, de pobreza, de morte para tudo, ou foi porque Deus, com uma ação extraordinária de sua graça onipotente, sem fazê-las passar pela pobreza real e perceptível, as colocou subitamente em um perfeito desnudamento do espírito e do coração. Mas, talvez seja mais difícil ser pobre assim, em espírito, no meio das riquezas espirituais do que ser pobre de coração no meio das riquezas temporais.

P. Como devem se colocar normalmente perante Deus as almas reduzidas ou chamadas a esta bem-aventurada pobreza e simplicidade de espírito, como fala o Bispo de Meaux[125]?

R. Em uma contínua dependência em escutar e em seguir simplesmente os diversos impulsos da graça, sem querer jamais se antecipar a ela, nem agir de maneira diferente do que ela lhes inspira e nem ir além do que ela as leva, o que demanda uma atenção e uma fidelidade inconcebível.

P. Elas devem esperar um impulso particular, quando se trata dos deveres do seu estado?

[125] *Instructions*, pag. 151.

R. Isto seria um erro pensar. Tudo o que é de dever comum ou particular, sendo vontade significativa de Deus, deve ser exata e fielmente cumprido. A graça comum, que jamais falta, basta para isto e ninguém lida melhor com ela, pois essas pessoas estão acostumadas a fazer tudo com visões muito apuradas e com um espírito interior que as outras não têm.

P. No que consiste então, particularmente, sua dependência contínua do espírito de Deus e de sua graça?

R. A não buscar mais nada em si mesmo, em se ocupar com Deus, como antes fazia seguindo sua própria escolha, segundo sua própria vontade, de uma maneira perceptível, consoladora, satisfatória, mas em se manter perante ele em uma disposição simples, em concordar a cada momento com tudo o que lhe apraz ou não apraz. Enfim, em se manter na simples espera que o Rei Profeta tão bem expressou fazendo a comparação com os servos que sempre tem os olhos *fixos nas mãos de seus senhores*[126], não por algum anseio e desejo de agir, mas apenas para estar pronta para a ação. Não também para esperar o momento de empregar o esforço em sua atividade natu-

[126] Cf. Salmo 122: 2. *Como os olhos dos servos estão fixos nas mãos de seus senhores, como os olhos das servas estão fixos nas mãos de suas senhoras, assim nossos olhos estão voltados para Javé, nosso Deus, esperando que eletenha piedade de nós.*

ral, mas, pelo contrário, reprimindo-o totalmente, para estar sempre simplesmente disposto a obedecer ao menor piscar de olhos.

Além disto, este conselho não pode prejudicar ninguém, já que somente as pessoas deste grau podem praticá-lo e até mesmo compreendê-lo.

P. As pessoas deste caminho que sabem permanecer o quanto for preciso nessas disposições interiores, com essas simples expectativas, que grandes benefícios elas conseguem com elas?

R. Eles são inexplicáveis. Por quê?

Porque Deus, ao encontrar uma alma tão desprovida de qualquer vontade própria até mesmo no uso mais santo de suas forças, uma alma na qual ele não vê nada de determinado, nada de própria escolha, mas um simples desejo que Deus agisse nela e com ela, segundo sua santa vontade e seu beneplácito, ele opera então com a simples cooperação da alma, sem o menor obstáculo, da maneira que só ele conhece como sendo a mais adequada a todas as disposições de um coração tão reto, tão simples, tão morto para ele mesmo e tão pleno, além disto, de confiança e de um inteiro abandono.

P. É fácil se manter por muito tempo nessas disposições interiores com essas simples expectativas?

R. Todas as vezes que, além do apelo geral, se sente ainda realmente chamado por um atrativo perceptível, seu gosto e sua doçura nos retém nelas sem dificuldades no meio de nossas outras ocupações exteriores, quase como durante o tempo da oração e, para se retirar delas então, agindo interiormente pela própria escolha e segundo sua antiga maneira, seria preciso ser muito mal instruído ou muito ciumento de sua liberdade e muito infiel à graça.

Mas, quando só resta o apelo geral a essa voz com uma atividade de espírito pouco mortificado ou com muito enfado e mil fúteis temores de se perder o tempo, para ser constantemente fiel à graça deste estado nessas penosas e muito frequentes conjunturas, é preciso, na verdade, uma coragem heroica ou um abandono a Deus tão perfeito e tão raro que a venerável Madre de Chantal ainda não tinha chegado a ele quando se queixou assim ao seu santo diretor: *Eu sinto que tento muito frequentemente atos de união, que seria melhor permanecer simplesmente unida*

a Deus e eu recebo então reprimendas interiores e essas infidelidades me prejudicam muito[127].

Conclua disto, o quanto a fidelidade constante à graça deste estado deve ser difícil, em certos encontros, às próprias almas que já fizeram grandes progressos.

P. Qual é o motivo então desta extrema dificuldade?

R. Alguma infeliz rejeição do amor descontrolado por si mesmo, pois, é sempre o amor por sua liberdade que leva impacientemente a se ver cativo como que acorrentado nas simples disposições interiores, que são para ela uma verdadeira prisão; ou vem da atividade natural, que só respira ação e impulso e não pode se conter por muito tempo em simples expectativas; ou vem do apego à sua própria vontade, que antes de ser domada, considera como uma escravidão insuportável toda dependência a uma vontade estranha, sobretudo quando ela é durável; ou vem do apego ao seu próprio espírito, que considera como nada tudo o que não é feito segundo suas luzes e como tempo perdido tudo aquilo que é empregado contra seu sentido; ou, por fim, vem do apego profundo a um pequeno fio de vida natural que quase nunca se rompe, porque custa muito renunciar irremediavelmente a toda

[127] *Vie*. Part. 3, cap. 4, pag. 556.

ação própria do espírito ou do coração, o que faz a vida natural de ambos.

Estas são as fontes das infidelidades, mais ou menos grandes, às graças deste estado, em que, após se ter protestado um grande número de vezes a Deus, se abandona inteiramente a ele, para não mais depender em tudo apenas do seu espírito e de sua graça.

Não se deixa de repreender a si mesmo em muitos encontros por não morrer totalmente para o amor-próprio até não ter mais nada com que se possa saber de bom grado ou se comprazer em si mesmo, *o que é agradecer a si mesmo e não a Deus*, disse o Bispo de Meaux[128].

P. Como e sob quais pretextos acontecem essas miseráveis retomadas de si mesmo que impedem a inteira morte do amor-próprio?

R. É ao se retirar a si mesmo da via da simplicidade, sob inúmeros pretextos diferentes, pois, em uns, isto é só para se estimular, eles dizem, sentimentos de devoção. Eles o fazem, no entanto, com esforço ou fora de ocasião ou contra a inspiração. Por quê?

[128] *Instructions*, pag. 140.

É sempre para poder se agarrar ao sensorial, com a pobreza em espírito e a nudez da fé sendo para eles tão insípidas quanto o maná do deserto eram para os maus israelitas.

Em outros, é somente, como eles dizem, para despertar seu fervor inicial, retomando suas antigas práticas. Mas Deus quer no presente algo de mais simples, de mais perfeito. Não importa; o resto é mais do gosto deles e eles o retomam então totalmente ou em parte, apesar da inutilidade que, por punição de Deus, eles muitas vezes sofreram e contra os conselhos dos diretores. Por quê?

Porque, sem a aparência de um socorro perceptível e, longe de estarem contentes com eles mesmos, eles se sentiriam muito descontentes.

Outros dizem que não temos que saber onde estamos e o que fazemos. Daí então, as frequentes reprovações interiores e as reflexões sem fim, que chegam até a perturbar a paz, de tanto querer se assegurar de tudo. Por quê?

Porque *a natureza vivíssima neles clama incessantemente por segurança, enquanto que a graça clama por*

abandono a Deus se se quiser encontrar a verdadeira segurança[129].

Em resumo: não se pode dizer que a maior parte busca somente esses miseráveis apoios humanos condenados no Artigo XVII de Issy, já que eles parecem contar muito mais com o que eles fazem por eles mesmos de perceptível, de refletido e distintamente percebido do que com essas santas, mas simples disposições em que Deus os coloca e onde ele quer que eles permaneçam em paz até nova ordem. Ou seja, até que ele os faça sentir novos toques ou que ele lhes permita se estimularem eles mesmos, mas sem perturbação e nem muita avidez.

P. A que leva a frequente busca desses apoios humanos tão bem disfarçados?

R. A alimentar ou fazer reviver incessantemente o amor-próprio, se ocupando, no fundo, quase sempre consigo mesmo, invés de se ocupar unicamente com Deus e sobretudo com a maneira como ele faz a alma sentir, através dos diretores, o que ele demanda nesta nova vida em que, segundo São Paulo, se deve estar verdadeiramente morto para tudo e sepultado com Jesus Cristo e em que, segundo os místicos, se deve estar perdido em Deus,

[129] *Instructions*. Livro X, § 18.

para levar, dali por diante, uma vida totalmente sobrenatural e divina.

P. Como acontece essa morte para si mesmo, essa perda em Deus, para nele viver uma vida totalmente nova?

R. É ao se esquecer de si mesmo, para se ocupar somente com Deus ou sempre com relação a Deus, donde acontece pouco a pouco e por diferentes efeitos da graça, que se chega não apenas a compreender bem, mas a experimentar, a sentir vivamente que, por um lado, viver para si e tudo reportar a si mesmo, segundo a vida do velho ser humano, não passa, no fundo, de uma dura e contínua escravidão, já que, mantendo tudo e querendo tudo para si, se torna, por isto mesmo, escravo de tudo e tão mais escravo quanto mais se mantém fortemente tudo.

Pelo contrário, viver para Deus e tudo reportar a Deus, segundo *o novo ser humano*[130], é não se apegar a nada que não seja Deus, nem no tempo e nem na eternidade, que é o que constitui a vida sobrenatural e divina, onde se encontra, por Jesus Cristo e em Jesus Cristo, a perfeita liberdade dos filhos de Deus, com o perfeito re-

[130] Efésios 4: 24.

pouso da vida presente e toda a segurança que se pode ter na eternidade.

P. Para onde leva esta dupla e feliz experiência?

R. A outra ainda mais perfeita e mais arrebatadora, que não consiste tanto em conhecer através das vivas luzes da fé, mas em experimentar, através dos mais doces sentimentos do coração, que Deus anima mais nossa alma do que ela anima nosso corpo, que ele é sua vida e sua luz e, por consequência, a alma da nossa alma.

Efetivamente, meu Deus é todo meu, como eu devo ser todo dele. Eu renuncio então a esse antigo e maldito eu. Eu coloco meu Deus em seu lugar, devendo amá-lo mais do que a mim mesmo. Ele será então, dali por diante, meu verdadeiro eu, em quem somente eu quero viver, já que só se vive verdadeiramente no único objeto que se ama unicamente.

Mas, o que digo, ó meu Deus? Pode-se viver mais verdadeiramente para si mesmo do que ao se viver para vós?

Ó pensamento consolador!

Mas eu não me detenho nele. Ele poderia despertar o antigo amor ao maldito eu e eu não quero outro amor além do vosso somente.

Ó meu Deus! Sois todo meu, como eu quero ser todo vosso.

P. As almas desta via praticam frequentemente atos tão marcantes e tão expressamente refletidos?

R. Todas as vezes que Deus lhes dá o impulso e a facilidade, este impulso logo chega ao fim, através de uma generosa renúncia à doce consolação dessas ternas saídas para Deus. Elas retornam a elas mesmas e nelas permanecem em paz, se mantendo encerradas em suas simples disposições ordinárias, para não mais sair delas, a não ser quando e na maneira que Deus quiser, como os navios que, entrados no porto, só saem dele ao primeiro sopro de um vento favorável.

P. O que poderia tê-las tornado tão flexíveis e maleáveis sob a mão de Deus?

R. Foi preciso, para isto, que todas as suas próprias vontades, no uso mesmo mais santo das forças, fossem muitas e muitas vezes contrariadas, rompidas, domadas e cativadas somente pela vontade de Deus. Foi preciso que um grande vazio do espírito, por muito tempo sustentado e por diversas vezes, tivesse quase inteiramente sufocado sua atividade natural. Foi preciso que longas e terríveis incapacidades para executar os menores atos refletidos

ou distintamente percebidos, as tivesse forçado a buscar, somente na parte superior da alma, os atos diretos de suas simples disposições e os tivesse ensinado a saber se contentar com isso, quando apraz a Deus reduzir assim uma alma à maior pobreza e nudez de espírito.

Com relação a muitos outros, foi preciso passar por muitas outras provações e muitas agonias interiores.

P. O que você chama de agonias interiores?

R. Impressões de pavor semelhantes às de um moribundo que se sente por diversas vezes a ponto de expirar, pronto para dar o último suspiro, o que acontece aqui, todas as vezes, somente por uma graça especial, mas sem luz percebida e nem sentimento conhecido. Está-se interiormente pressionado a se abandonar a Deus na mais profunda obscuridade da fé, não resta, aparentemente, nenhum apoio interior para sustentar essa alma agonizante com a visão dos abismos pavorosos desse terrível abandono, pois parece, nesses momentos, que se vai ser precipitado nele, engolido e perdido em não sei onde e mesmo aniquilado por não sei que mão invisível. Um sentimento de terror tão pavoroso então como aquele de uma pessoa a quem, no meio de um vasto mar, viesse a ter as

mãos arrancadas da única prancha que era seu apoio e seu recurso.

Aqueles que, longe de terem passado por estas impressões de terror, de agonias mortais, de aniquilamentos interiores, não foram conduzidos até essa terrível passagem, até esse estreito de puro abandono em pura fé, sem nenhum tipo de apoio distintamente percebido, não poderão compreender mesmo o que se quer dizer com isto. Então, não é para eles que se fala, mas para alguns outros.

Deus seja louvado pelas operações maravilhosas que realiza nas almas, como muito bem clamou o Bispo de Meaux[131], sobre um tema bem semelhante.

P. Quando Deus dá, a essas almas, impulso e facilidade, para os atos tão expressamente refletidos ou sensivelmente marcados, elas os praticam do jeito comum?

R. Não. Na maioria das vezes, é de uma maneira totalmente particular, que São Francisco de Sales expressou muito bem, ao dizer a uma de suas filhas: *Que seus atos, daqui por diante, sejam, por assim dizer, coados, filtrados e destilados pela ponta do espírito. É assim que eles*

[131] *Instructions*, pag. 324.

penetrarão antes na substância de suas almas, o que experimentarão, se forem simples e dóceis[132].

Isto é tão verdadeiro que se veem almas que, depois de colóquios com Deus, não conseguem se lembrar de um só ato (fora as ocasiões de zelo, quando Deus os relembra), de tanto que tudo se passou de espírito para espírito e de uma maneira muito distante dos sentidos.

P. Como então se pode ter certeza de que elas praticam atos explícitos de fé, de esperança, de amor, de contrição, de agradecimento, de pedido etc.? Todos atos que você disse, de acordo com o Bispo de Meaux, que deveriam ser praticados nos momentos adequados.

R. Veja como ele mesmo, em concordância com os outros bispos, se explicou através do Artigo XIII[133]: *Na vida e na oração mais perfeita, todos os seus atos estão unidos somente no amor, enquanto ele anima todas as virtudes e comanda sua prática, segundo o que diz São Paulo: "O amor tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta"*[134].

No mesmo caminho, podemos dizer o mesmo sobre os outros atos do cristão, que ele controla e prescreve os

[132] *Reliq.* Part. I, pag. 99.
[133] Instructions, pag. 390.
[134] 1 Coríntios 13: 1-8.

exercícios contínuos, embora eles não sejam sempre sensível e distintamente percebidos.

Este é um desenlace bem claro, bem consolador para essas almas e para aqueles que as dirigem.

P. Quantos favores não recebemos, sem dúvida, neste estado de vida e de oração perfeita!

R. Como você evita acreditar, como os quietistas, que existam pessoas absolutamente perfeitas, eu compreendo que você queira falar apenas daqueles que começaram a entrar assim, verdadeiramente, na carreira imensa da perfeição dos santos, onde os mais perfeitos terão sempre que avançar até o último momento da mais longa vida.

Ora, no início mesmo desta vida nova e sobrenatural, recebem-se favores inexplicáveis. Por quê?

Por que a natureza divina __ infinitamente mais comunicativa do que a luz do sol, que se espalha por toda parte onde não haja obstáculos __ não ama nada tanto quanto se espalhar em todas as almas suficientemente desapropriadas para receber suas divinas efusões sem corrompê-las com a mistura dos retornos do orgulho ou do amor-próprio.

P. Esses favores, essas consolações são semelhantes às primeiras?

R. Elas são tão diferentes delas quanto o estado presente dessas almas é diferente do inicial, pois tudo é misturado e proporcional a uma sabedoria admirável, que dá consolações perceptíveis àqueles que, estando ainda nos sentidos, não conseguiriam desfrutar de outras. Mas, quando, de tanto caminhar em espírito pela pura fé, tudo é simplificado e espiritualizado, é então que se recebem suavidades interiores totalmente espirituais, divinas e celestes, que são chamadas, por esta razão, de as puras delícias do espírito e do puro amor, porque é somente o puro amor que as causa e somente o puro espírito que as desfruta, assim como são somente aqueles que as desfrutam que podem compreendê-las, falar bem delas e mesmo sustentá-las, pois muitas vezes são torrentes de volúpias que inundam os corações através do derrame do espírito sobre a parte sensorial.

P. Como é feita essa depuração, esse refinamento do gosto?

R. Quase mesmo como se depura, como se refina o gosto de uma pessoa animal e terrena de acordo com o mundo, quando se quer lhe inspirar o gosto pelos praze-

res do espírito, como se diz. É através da privação das primeiras e antigas satisfações, às quais se fez suceder pouco a pouco por uma nova espécie.

P. Acontece o mesmo com as luzes que iluminam o espírito?

R. Tudo acontece com a mesma proporção, no estado presente, pois, se você excetuar em alguns, certos momentos de suas luzes brilhantes, que lhes dão uma profunda penetração em nossos mistérios, estão, no espírito da maioria, luzes, na verdade, bem penetrantes e muito eficazes, mas sem brilho. Luzes totalmente divinas, mas, quanto ao sentimento, quase imperceptíveis, que conduzem, no entanto, que controlam, que dirigem tudo, que sustentam nos encontros, onde se percebe depois terem sido iluminados e sustentados, sem se saber quase como e nem por onde, pois trata-se de uma mão invisível, onde se encontra, para a fuga do mal e para a prática do bem, um apoio mais firme, mais constante, que em todos os fervores passados, porque é a pura luz da fé em Deus, que nunca varia como todo o resto.

P. Acontece o mesmo com a paz interior?

R. Sim, sem dúvida, pois essa paz, de tanto crescer e se aprofundar, se torna, por fim, profunda como os abis-

mos do mar. Ela não reside mais então nos sentidos bastante elevados acima. Como diz São Paulo, ela ultrapassa todo sentimento: *A paz de Deus, que excede toda a inteligência, haverá de guardar vossos corações e vossos pensamentos*[135].

Onde é preciso então buscá-la?

No fundo do coração, continua o Apóstolo e na suprema inteligência ou, como falam os místicos, no centro da alma e na ponta do espírito.

Essa paz é, aliás, inabalável, eu não digo no meio das revoluções humanas, que não são, no entanto, uma guerra perceptível, mas é no meio de todas as vicissitudes do interior. Por quê?

Porque ela está fundamentada sobre o abandono sem reserva às supremas vontades de Deus, com uma perfeita confiança em sua bondade onipotente.

P. O avanço e o progresso das almas acontecem sempre da maneira e com a ordem que foi dita?

R. É somente para os comuns e com relação às pessoas de uma fidelidade constante. Mas, fora isto, Deus muda tudo como ele bem quer, podendo misturar tudo,

[135] Filipenses 4: 7.

sem confundir nada; inverter tudo, sem nenhuma desordem.

Há tão poucas pessoas constantemente fiéis, que Deus, para se acomodar às nossas fraquezas, às nossas misérias, segundo as regras ordinárias de sua Providência e a doçura do seu governo, é muitas vezes obrigado, por nossas mudanças, a mudar suas condutas interiores, variando nelas as impressões de sua graça, de muitas maneiras diferentes, mas sempre tão misericordiosamente que ele faz servir, à própria perfeição dos eleitos, até as infidelidades e os desvios mais lamentáveis. Daí vem que, com ele e como ele, sem mudar o essencial do caminho de cada um, é preciso conduzir muitos ao mesmo tempo como iniciantes, beneficiários e avançados, segundo eles participem, em qualquer estágio, destes três estados diferentes.

Mas o justo discernimento é da competência dos diretores. A nossa é uma humilde e cega obediência que não pode jamais se afastar daquele que obedece aos ministros de Deus, assim como ao próprio Deus.

———

Conclusão

P. Qual é o principal fruto que se pode e que se deve tirar destas instruções?

R. O mesmo que tem em vista o autor da Instrução Pastoral que foi o tema das nossas primeiras conversas e que forneceu o propósito das outras.

P. Que fruto se propôs então o Bispo de Meaux ao compor sua ampla **Instrução**?

R. Ele mesmo nos diz no Prefácio do seu livro, quando diz: *As almas simples e ainda enfermas serão atraídas à oração e, aquelas que já são experientes, nela temerão menos se entregar aos atrativos divinos. Deus sabe que não é de mim mesmo, mas da doutrina dos santos e da força da verdade, que eu espero estes benefícios*[136].

P. Mas, para receber estes benefícios, o que resta fazer?

R. Duas coisas.

1) Lembrar-se sempre de que foi pela cessação de todos os atos para com Deus que se abusou do santo repouso da oração. Isto foi precisamente o que fez e o que

[136] Pag. 71.

poderiam ter feito também os quietistas, segundo Dom Jacques-Bénigne Bossuet, o Bispo de Meaux.

2) Não se esquecer de que, ao se dispor à oração do simples recolhimento, à prática dos quatro tipos de purezas e às pausas bem administradas durante todo tipo de oração e de meditação, só se deve mudar a maneira comum na medida em que Deus mesmo nos tirar delas através de alguns toques interiores e seus divinos atrativos e que, sobre isto mesmo, é preciso deixar as avaliações àqueles que Deus nos deu por guias.

Índice

Diálogos de instrução sobre a oração..... 3
Diálogo preliminar.....3
Diálogo I – Sobre a pureza da consciência.....19
Diálogo II – Sobre a pureza do coração. 29
Diálogo III – Sobre a pureza do espírito. 37
Diálogo IV – Sobre a pureza de ação.....46
Diálogo V – Sobre as disposições próximas ao recolhimento, que consistem em duas regras que devem ser observadas. 63
Diálogo VI – Sobre as regras ou conselhos para os iniciantes.....87
Diálogo VII – Sobre os conselhos às pessoas avançadas, sobre as securas de sua oração e sobre as tentações particulares que as acompanham...103
Diálogo VIII – Sobre o vazio do espírito, as impotências que se seguem e as revoltas extraordinárias das paixões. 120
Diálogo IX – Sobre os conselhos às pessoas que fizeram grandes progressos. 137
Diálogo X – Continuação do mesmo tema.....155
Conclusão.....176
Índice.....178